

Pequeno livro
das
**GRANDES
VOCACÕES**

O que fazem, pensam e pesquisam os profissionais
de quinze áreas do conhecimento

VOLUME 1
2021

Maurício Guilherme
Silva Jr.

Pequeno livro das grandes vocações – O que fazem, pensam e pesquisam os profissionais de quinze áreas do conhecimento

E-book desenvolvido junto ao Programa de Comunicação Científica, Tecnológica e de Inovação (PCCT) da FAPEMIG – Fases III e IV

Coordenação do projeto

Vanessa Oliveira Fagundes

Textos do *e-book*

Maurício Guilherme Silva Jr.

Revisão

Maurício Guilherme Silva Jr. e Vanessa Oliveira Fagundes

Projeto gráfico e diagramação

Camila Aringhieri

Realização



MINAS
FAZ
CIÊNCIA



**Agradecemos à Fundação de Amparo à
Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo
financiamento que possibilitou a realização do
projeto e deste *e-book*.**

Sumário

- 5. **Apresentação**
- 7. **Arquitetura** • Construtores de sonhos
- 12. **Biblioteconomia** • Organizadores de conhecimento
- 17. **Ciências contábeis** • Dindim bem tratado!
- 20. **Design** • A criatividade como ofício
- 24. **Direito** • De olho nas leis
- 27. **Engenharia** • Profissionais multitudes
- 30. **Estudos literários** • Desbravadores de prosa e verso
- 34. **Filosofia** • Pensador, eu?! Vou pensar na questão...
- 38. **Infectologia** • Contra o inimigo invisível
- 42. **Medicina** • O que é ser médico, afinal?
- 45. **Música** • Nos compassos da vida
- 48. **Psicologia** • Quem sou eu?
- 53. **Publicidade e Propaganda** • Diálogos imprevistos
- 57. **Relações Internacionais** • Profissional sem fronteiras
- 60. **Veterinária** • Da arte de cuidar dos animais

Apresentação

O que você vai ser quando crescer?

Já escutou essa pergunta? Se ainda não, prepare-se: ela certamente te acompanhará por boa parte da infância e da adolescência. Algumas crianças têm a resposta na ponta da língua, pois já conhecem a profissão de algum parente ou decidiram seguir o ofício daquele personagem de filme ou livro de que tanto gostam. Para outras, é mais difícil escolher. Afinal, são tantas as possibilidades!

Não que você tenha que tomar essa decisão agora! E, acredite, é provável que ainda mude de ideia várias vezes sobre a profissão escolhida. O certo é que ajuda muito conhecer as funções e as habilidades requeridas, a fim de atuar em diferentes áreas para, quando

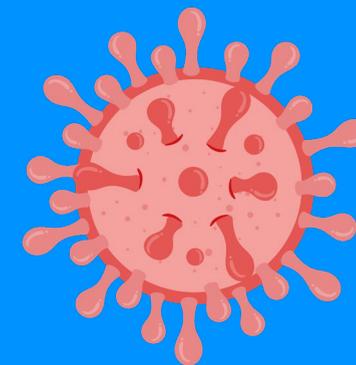
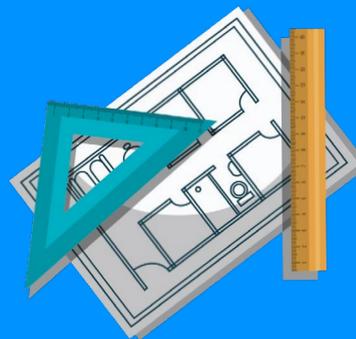
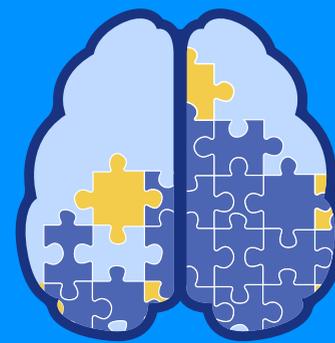
chegar o momento, afirmar com segurança: é isso que eu quero!

Este livro reúne histórias publicadas originalmente no site *[Minas Faz Ciência para crianças](#)*, que tratam de diferentes possibilidades de carreira. Cada uma delas é acompanhada pelo depoimento de um profissional sobre o seu dia a dia – e sobre os motivos que o levaram a escolher tal atividade.

As 15 profissões que aparecem neste primeiro volume foram escolhidas a partir de sugestões, acontecimentos e – por que não? – curiosidades do autor. Esperamos que a leitura desperte seu interesse por novas áreas e ajude a encontrar sua vocação!

Vanessa Fagundes
Coordenadora do projeto “*Minas Faz Ciência*”

AS GRANDES VOCAÇÕES



Construtores de sonhos

Responsáveis por projetar casas, prédios e outros tantos tipos de edificações, arquitetos dedicam-se, dia a dia, a desenhos, cálculos e desejos humanos

Preciso muiiiito perguntar algo a você: no aconchego do lar, qual seu lugar predileto? Seria o quarto, onde dorme e sonha com um tantão de coisas malucas? Ou aquele cantinho depois do corredor, entre a sala e a cozinha, lugar bom para pensar na vida?

Confesso que adoro as varandas, de onde posso observar o tempo, naquele vai-e-vem sem fim! Ah! Tudo isso me leva a outra pergunta, bem importante: já parou para pensar no profissional que pensa, desenha e projeta cada parte de nossa casa?



Como ele se chama? Já ouviu falar? Quer pensar?! Então, “tá”! Um, dois e... trêeeeees! Já sabe me dizer? Lá vem a resposta: o profissional responsável por construir projetos de casas, prédios e outras edificações é o... ar-qui-te-to!

Legal demais, né?! Mas o que levaria alguém a fazer Arquitetura?

“Essa pergunta não é fácil, pois não sei, exatamente, a resposta. Desde criança, falava que queria ser arquiteto. Lembro-me de ver plantas de apartamento em anúncios de jornal e imaginar quem vivia ali. Muitas vezes, eu mesmo desenhava plantas ou casas, sempre pensando nas famílias e nas pessoas que morariam naqueles espaços”, lembra Eduardo Andrade – ou Ed, como é conhecido pelos amigos –, que é arquiteto e professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG.

Ele conta que imaginar tanta coisa era, na verdade, um modo de brincar, criar espaços, e, também, de inventar personagens. Tudo por meio do desenho!

“Aliás, sempre gostei de desenhar e sempre adorei Matemática. Isso também me levou a decidir pela Arquitetura, pois achava que a profissão lidava com essas duas habilidades – o que, de certa forma, não deixa de ser verdade. O arquiteto se expressa pela linguagem do desenho, e, ao mesmo tempo, lida muito com números, ao trabalhar com as medidas das dimensões”, destaca Ed.

Isso não quer dizer, porém, que os arquitetos precisem ser óooootimos desenhistas e/ou matemáticos.



“Conheço ótimos arquitetos que não desenham bem à mão, e fazem tudo pelo computador. Eu sempre gostei de desenhar, de Matemática, de fuxicar e analisar plantas e fachadas. Isso me levou a optar pela Arquitetura. Foi uma ótima escolha”, conta.

Objetos e cidades

Que tal conhecer, agora, as áreas de atuação dos arquitetos? Estes talentosos profissionais têm, em verdade, rico e vasto campo de trabalho. Afinal, é possível lidar em diversas frentes.

“Normalmente, os cursos formam bacharéis em Arquitetura e Urbanismo, as duas grandes áreas de atuação do arquiteto. Embora elas tenham lógicas um pouco diferentes, ambas dizem respeito à criação de espaços e estão muito interligadas”, explica o professor Eduardo.

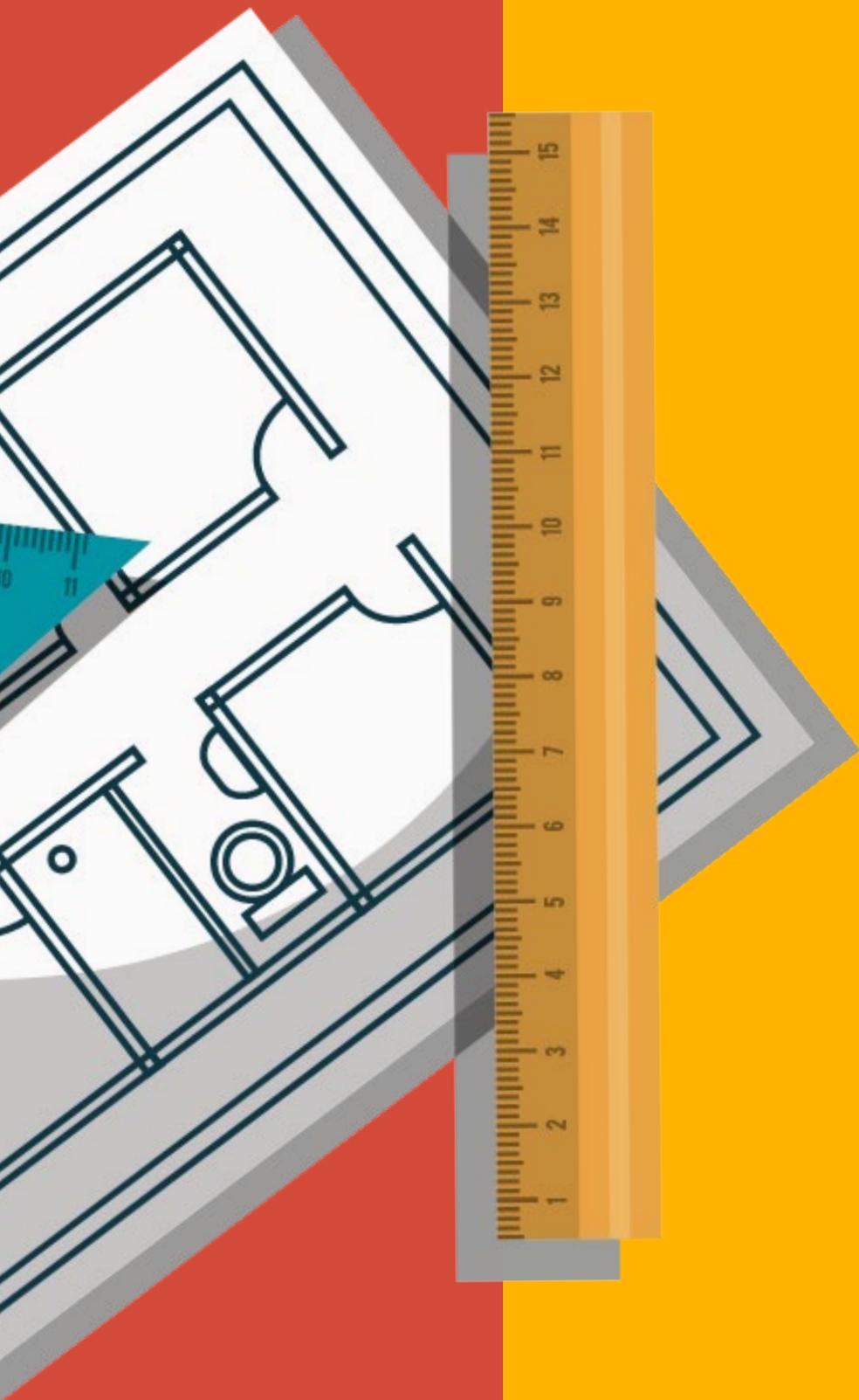
Segundo ele, a Arquitetura lida com projetos, construções e reformas de edificações – ou de partes delas –, enquanto o urbanismo se aproxima do “fenômeno urbano”: o planejamento e o estudo das cidades e de seu funcionamento.

“Mas essas áreas abarcam formas de atuação diferentes. O arquiteto pode, por exemplo, trabalhar com Arquitetura de interiores, em que participa de cada detalhe da revitalização dos espaços internos, escolhendo, inclusive, os móveis e objetos”, esclarece Ed.

Tal profissional também pode trabalhar com “arquitetura efêmera”, ao projetar cenografia de eventos ou espetáculos. Há, ainda, especialistas em tipologias diferenciadas, como projetos de hospitais ou hotéis, assim como em restauro e estudo de patrimônios imóveis.

No campo do urbanismo, pode-se trabalhar, por exemplo, em projetos de revitalização de bairros ou comunidades, no estudo de vias urbanas ou na elaboração de planos diretores de cidades.





“O campo de atuação, portanto, é vasto e plural, e sempre se relaciona à busca pela melhor qualidade do espaço, em escala micro ou macro. A escolha de uma torneira ou a definição do conjunto de vias de uma cidade inteira podem ser atribuições do arquiteto. Além de trabalhar com diferentes escalas, a profissão lida com diferentes áreas do conhecimento, como Sociologia, Engenharia ou Artes”, completa.

Dia a dia

Para observar as “obras” e as possibilidades da Arquitetura, basta que a gente olhe pela janela. Afinal, ela aparece, na vida das pessoas, durante todo o tempo.

“Acordamos num espaço pensado por alguém, e, ainda que esse alguém não seja arquiteto, esse espaço é Arquitetura. Ao sairmos de casa, lidamos com a Arquitetura, que nos atravessa a todo instante. Em larga medida, somos, inclusive, moldados por ela. Se a Arquitetura é fruto da visão de mundo de determinada comunidade, também é capaz de orientar, ou mesmo determinar, aspectos do modo de vida dessa comunidade”, explica Ed.

Organizadores de conhecimento

Conheça os profissionais da Biblioteconomia, área responsável por organizar e classificar – analógica ou digitalmente – os objetos e as informações

Preciso te perguntar algo bem legal! Você tem alguma coleção? Sim?!?! Sensacional! Mas o que você reúne, exatamente? Insetos? Livros? Papéis de carta? Fotos? Figurinhas? Camisetas de times de futebol?





Já peço desculpas pelo montão de perguntas, mas é que também adoro colecionar algo! Para além de guardar tantas coisas cheias de história, porém, o que mais me deixa curioso é o seguinte: qual seria o melhor modo de organizar nossos objetivos prediletos? Afinal, cada um deles tem formato, cores, e... histórias beeeeeem diferentes, né?!

Ops! Ao lembrar disso tudo, outra dúvida acaba de aparecer em minha mente: existirá, no mundo, um profissional especializado em reunir, classificar, organizar e ampliar o acesso às coisas e informações criadas, principalmente, pela humanidade?

O professor Carlos Alberto Ávila Araújo, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG, nos lembra que há, sim, um campo de atuação – institucional e profissional – que se marca por tal preocupação pública.



Trata-se da Biblioteconomia, campo do saber existente há séculos, que, inicialmente, voltou-se aos processos da preservação e da guarda dos registros do conhecimento humano. “Ao longo do tempo, a área passou a privilegiar questões de organização e classificação da informação”, conta ele.



Já em nosso tempo, o século XXI, a Biblioteconomia resolveu enfatizar problemas de disseminação e acesso. “Hoje, quando já existe amplo acesso à informação, a área se volta mais a questões relativas ao efetivo uso da informação, ao desenvolvimento de competências informacionais pelas pessoas e às possibilidades de criação de conhecimento nas comunidades”, explica Carlos Alberto.

Multiplicidade

Ah! Importante destacar, ainda, a “Ciência da Informação”, campo de pesquisas e estudos – originária da Biblioteconomia – sobre todas as dinâmicas de produção, circulação e uso de informações nas sociedades contemporâneas,



Investigações sobre mensuração e quantificação do progresso científico, com base em indicadores bibliométricos.



Estudos baseados em métricas alternativas, indicadoras da comunicação científica na *web* social: quantas vezes um artigo foi compartilhado numa rede social, por exemplo?

além da atuação de diferentes instituições, serviços e produtos que agem em tais processos: bibliotecas, arquivos, museus, motores de busca, redes sociais, mídias etc.

Ok, mas o que fazem, exatamente, os “cientistas da informação”? Eles atuam em vários contextos! “Os principais são universidades e centros de pesquisa, mas também em empresas – para gestão de informações –, bibliotecas, arquivos, museus, centros de memória e de cultura, bem como em ambientes de geração de tecnologia da informação, redes sociais, repositórios institucionais e periódicos científicos”, explica o professor.

Os campos temáticos de pesquisa e atuação também são supervariados! Os profissionais da área desenvolvem, por exemplo, **estudos cientométricos** – e, mais recentemente, **altmétricos**. “Investem, ainda, em folksonomias e indexação social, desenvolvimento de políticas de informação, cultura e memória, curadoria digital, gestão do conhecimento e cultura organizacional, além de humanidades digitais”, completa.

Pesquisa

Como bem lembra Carlos Alberto, para ser pesquisador, é necessário estar constantemente atualizado, ao ficar de olho na produção na área investigada, por meio de periódicos científicos, congressos, e, até mesmo, via redes sociais. “Também é preciso manter-se em sintonia com os fatos e fenômenos cotidianos, nas dimensões política, cultural, social, tecnológica, econômica, para, assim, acompanhar as mudanças ocorridas nas dinâmicas informacionais”, explica.

Além de tudo isso, o cientista precisa – é claro! – não parar de desenvolver estudos, individuais ou em equipes. “Hoje, cada vez mais, há grupos de pesquisa com pessoas de instituições diferentes – e, por vezes, de estados ou países distintos. Normalmente, os pesquisadores estão vinculados a programas de pós-graduação, e atuam, também, como professores. Eles ministram aulas e palestras, além de orientar o desenvolvimento de dissertações de mestrado e teses de doutorado”, esclarece o professor.



Dindim bem tratado!

Imprescindíveis ao dia a dia de empresas e cidadãos, contadores e contadoras administram muito bem o dinheiro e as possibilidades de crescimento de seus clientes

Mês a mês, os trabalhadores tomam decisões importantes sobre o dinheiro que recebem: alguns guardam grande parte do dindim, enquanto outros preferem investir o que ganharam. Há, ainda, aqueles que gastam tudo, pois só pensam em aproveitar a vida!

Independentemente do perfil financeiro das pessoas, todos podem contar com o trabalho de profissionais bem importantes, dedicados a nos fazer lidar melhor com demandas, benefícios e deveres da suada graninha do dia a dia.



Trata-se dos contadores, que, dentre inúmeras habilidades, provisionam contas a pagar ou a receber, além de fazer o registro de despesas e ganhos etc. A leitura correta de dados financeiros e a produção de relatórios ajudam, em suma, a melhorar a vida dos cidadãos.

“Dia a dia, as pessoas desempenham funções ou habilidades parecidas a essas, sem saber que aquilo é contabilidade”, ressalta João Paulo Victor do Amaral, um dos proprietários da Contass Assessoria Contábil.

Segundo ele, a área se evidencia nas empresas, que são obrigadas a ter um contador, responsável por transmitir informações ao fisco [*a Receita Federal*] e auxiliar os proprietários a tomar boas decisões, sempre com os olhos no presente e no futuro.

“Atualmente, inclusive, indico aos empresários que façam Ciências Contábeis, para melhorar sua própria visão de negócios, e para ter a mesma linguagem técnica do contador”, destaca.

Possibilidades

Muito legal, né?! Resta, agora, a pergunta que não quer calar: como, quando e por que, afinal, o João Paulo decidiu fazer Contabilidade?!

“Um dos meus tios é contador. Como sempre o admirei, eu pensava: ‘Como é legal esse ofício!’ Na adolescência, meu irmão já trabalhava em um escritório de Contabilidade, e comecei a fazer serviços de *office-boy*. Vi como funcionava o dia a dia da profissão, e passei a outros escritórios, com o objetivo de sempre me alimentar de informações, ver erros e acertos, e, assim, poder criar um padrão”, conta.

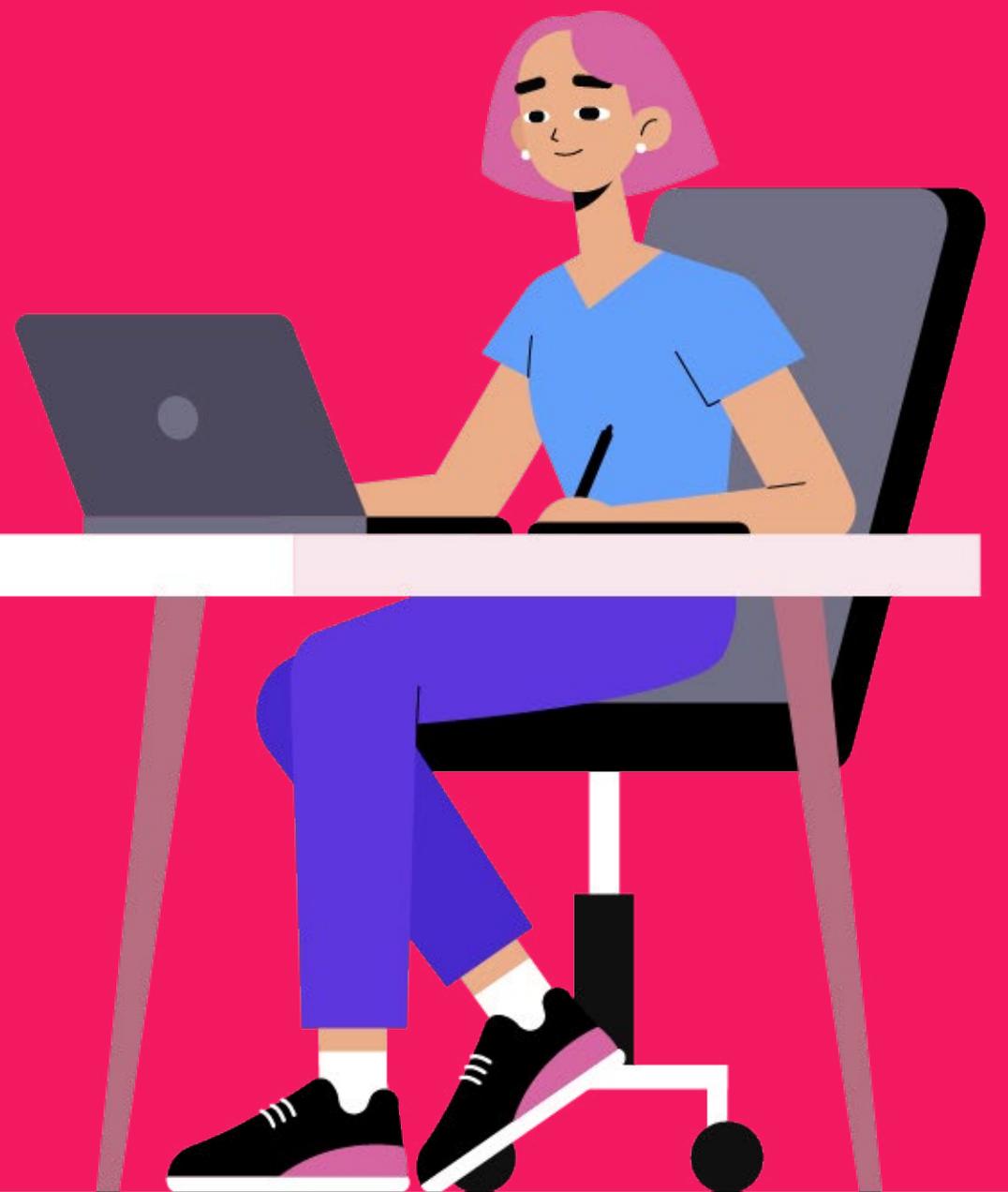
Para finalizar essa prosa boa, eis algumas das muitas áreas de atuação dos profissionais desta área tão importante à vida de todos: auditor ou perito contábil, além de contador público, comercial, industrial, bancário ou rural.



A criatividade como ofício

Saiba mais sobre o múltiplo e importantíssimo trabalho dos profissionais de Design, responsáveis por elaborar milhões de objetos e práticas essenciais a nosso dia a dia





Que tal um desafio?! Topa?! Então, vamos às regras: sente-se numa cadeira, relaxe e olhe bem ao redor, em busca de vários objetos de sua casa. Como é a porta? E a mesa? Do que é feito o piso? Há desenhos em sua camiseta? Como são os lustres?

As formas, as cores etc. são bem legais, né? Sabia que grande parte dessas coisas criativas foi desenvolvida por *designers*? Siiiiim! E quer saber o que mais eles fazem? Sei de alguém que pode nos explicar bem o ofício deste multifacetado profissional!

“O Design é a profissão que se dedica a projetar coisas pensando nos significados do objeto e nas pessoas que as usarão. A gente cria de tudo, de caneta a avião, de aplicativo a *outdoor*, dos ambientes de uma casa a shopping center, de sapato a desfiles de moda inteiros”, conta Anderson Antonio Horta, professor do Centro Universitário de Minas Gerais (UniBH) e da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg).

Para criar tudo isso, os profissionais da área dividem seus talentos em quatro grandes “territórios” de atuação: Design de Ambientes, Design Gráfico, Design de Produto e Design de Moda.

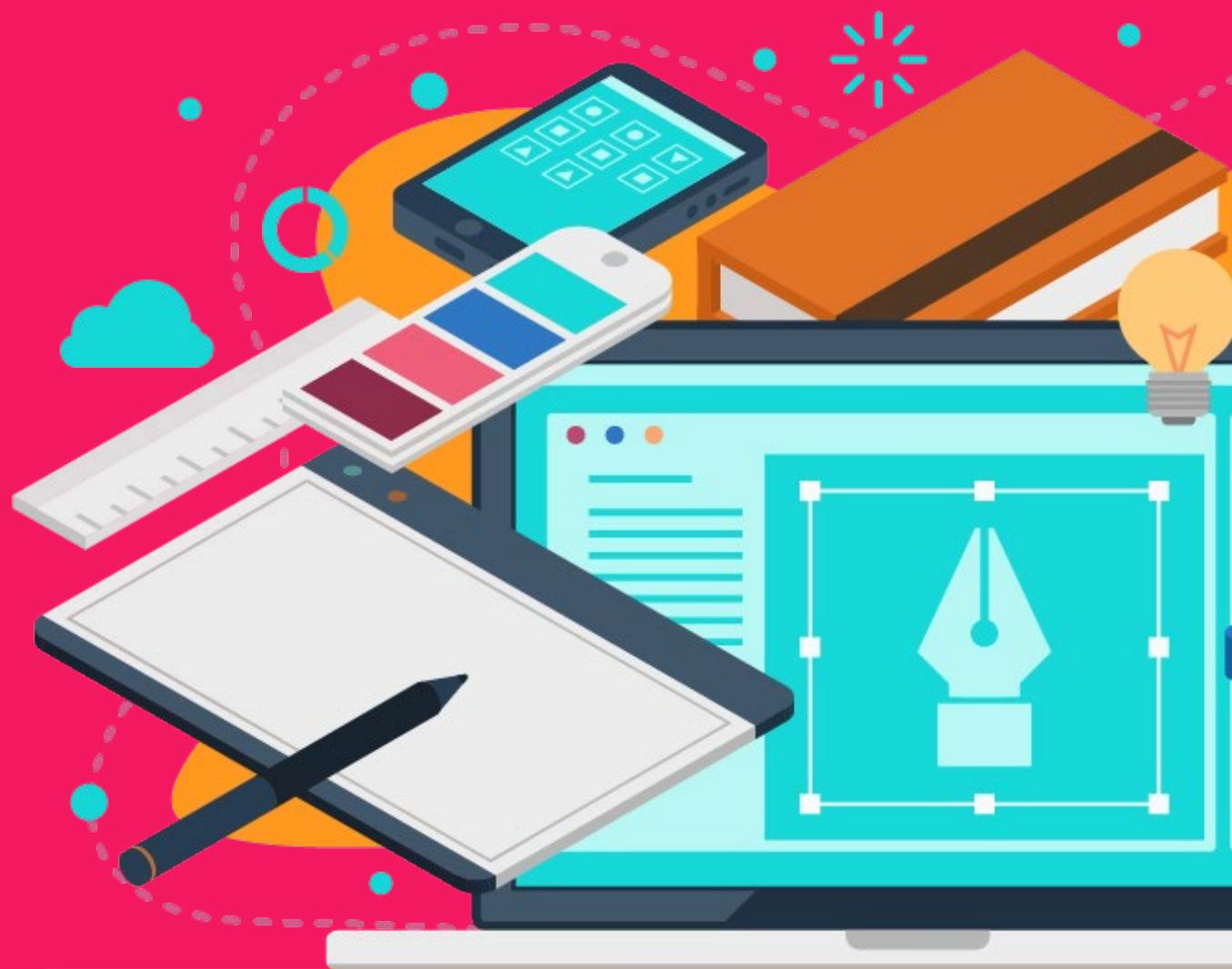
Vocação

Como nasce um designer? No caso do Anderson, tudo começou... na infância!

“Sempre gostei de desmontar brinquedos, para ver como eram feitos, e, também, para montar outros. Eu era aquele aluno que desenhava, na escola, durante todo o tempo livre. Adorava qualquer coisa ligada à criatividade”, lembra o professor.

Segundo ele, certa vez, a escola onde estudava convidou uma psicóloga para realizar, com os alunos, um teste vocacional. Antes mesmo de fazer o exame, ele abriu um guia de profissões e leu, leu, leu...

“Foi quando me deparei, pela primeira vez, com o Design como profissão. Paixão à primeira vista! No dia seguinte, visitei as duas únicas universidades que, à época, ofereciam o curso na cidade. Escolhi uma delas e nunca mais olhei para trás”, lembra.



Em todo lugar

Os quatro grandes campos do Design (produto, gráfico, moda e ambientes) contam com inúmeras subáreas, que costumam se cruzar. Daí surgem especificidades de ação, por exemplo, em jogos digitais, aplicativos, veículos, roupas de festa, sapatos, joias, revistas, livros e... brinquedos! (Bom demais, né?!)



“Realmente, são muitas as possibilidades! Hoje, o Design está o tempo todo a nosso redor. Embora haja muitas profissões que também elaborem coisas, como as Engenharias e a Arquitetura – que, muitas vezes, trabalham conosco –, os designers são responsáveis por projetar quase tudo que a indústria produz”, destaca Anderson Horta.

O professor comenta, porém, que, por nos acostumarmos com tantas funções, acabamos por não perceber onde – e como – aparecem as ideias, os processos e os fins do Design.

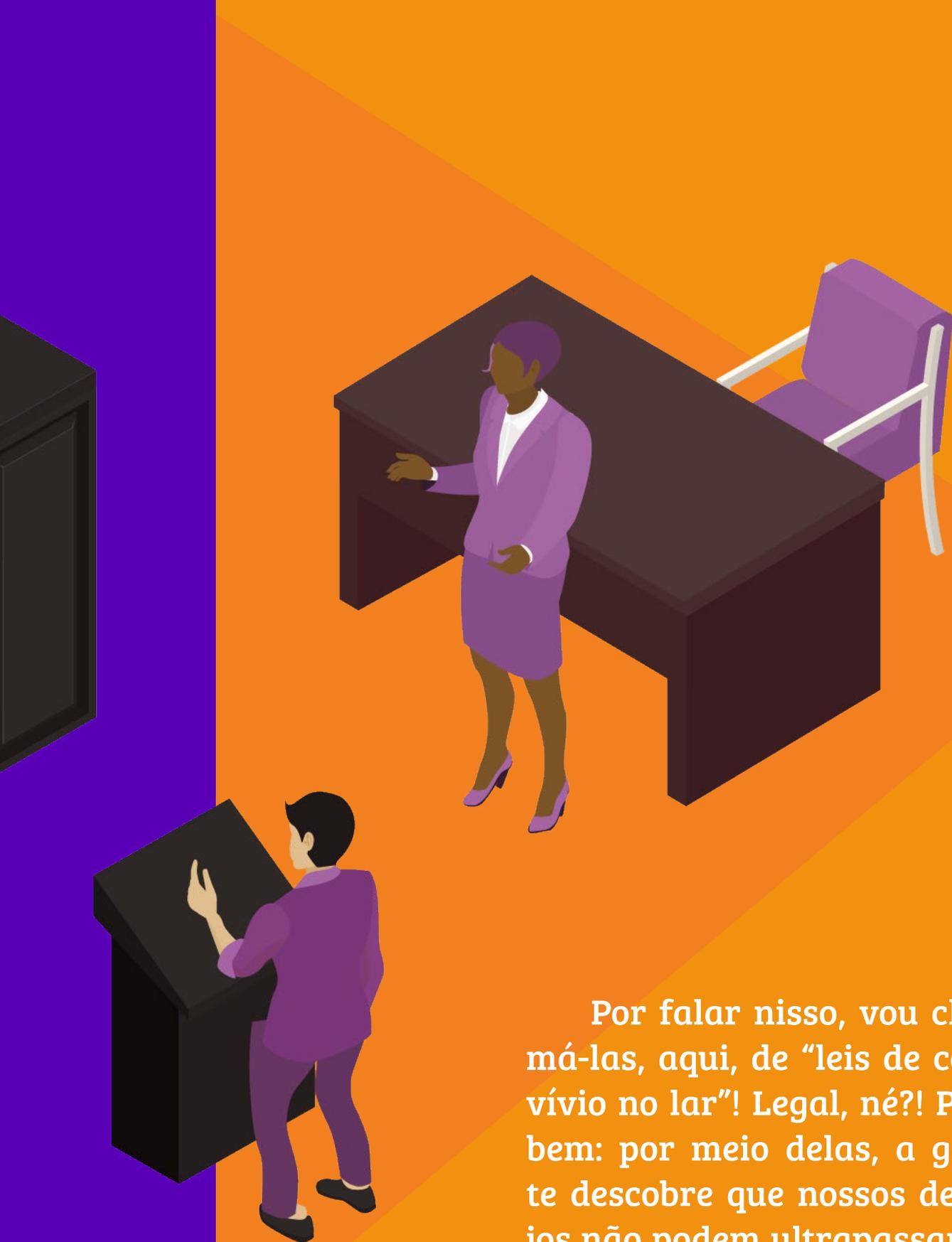
“Ele está nos móveis das casas, nas estampas das roupas de cama, nas motos que vemos circular pelas ruas, nas embalagens de quase tudo o que vemos no supermercado, assim como nos celulares e computadores”, completa.

De olho nas leis

Dia a dia, os profissionais do Direito analisam as leis, julgam conflitos humanos e, com sabedoria, buscam melhorar o convívio entre as pessoas

Aposto que, em sua casa, não se pode fazer tudo o que dá na cachola. Afinal, jogar lixo no chão ou gritar com alguém são coisas muito feias, não é verdade?! Por isso é que aquelas regrinhas de convívio, pensadas pelos adultos, se mostram tão importantes!





Por falar nisso, vou chamá-las, aqui, de “leis de convívio no lar”! Legal, né?! Pois bem: por meio delas, a gente descobre que nossos desejos não podem ultrapassar (e atrapalhar) a liberdade dos outros – neste caso, de quem convive conosco!

Mas... e para além do aconchego de nossa residência? As leis também ajudam a facilitar o relacionamento entre pessoas que não se conhecem? A resposta é: siim! As sociedades precisam de uma legislação – o conjunto de leis – para viver em harmonia.

Desse modo, ninguém há de prejudicar ninguém. Ah! E sabe como se chama a área de atuação dos responsáveis por analisar as leis etc.?! Algum chute?! Não?! Tudo bem, vou dizer, então: trata-se dos profissionais do Direito!

“De modo geral, eles atuam na advocacia privada, para pessoas particulares, tanto preventiva quanto judicialmente. Realizam, também, advocacia pública para a União, o Estado, o Município e seus órgãos e autarquias, ou agem na magistratura e no Ministério Público”, explica Antônio Augusto Valadares, técnico judiciário do Tribunal Regional Federal, onde é supervisor de apoio a julgamentos.

Conflitos e conselhos

De onde terá vindo a inspiração do próprio Antônio Augusto para se dedicar ao Direito? Será que essa ideia nasceu quando ele ainda era pequenino?

“Desde a infância, eu percebia que tinha facilidade para mediar conflitos entre as pessoas. Procurava resolver as questões dos outros, que também me buscavam para pedir conselhos. Além disso, sempre tive bom senso de justiça, por avaliar as situações. Tudo isso me levou a escolher o Direito”, conta.

No dia a dia, essa área tão importante à vida em comunidade se revela, principalmente, na aplicação das leis, que regulam o que cada um pode ou não fazer. Já no judiciário, o Direito busca resolver conflitos, justamente, de pessoas que não respeitam a legislação.

Quanto à pesquisa, os profissionais da área têm estudado o comportamento humano, para criar (ou adequar) normas que diminuam conflitos entre pessoas físicas e/ou jurídicas. Outras vertentes buscam simplificar e desburocratizar normas sobre o dia a dia das pessoas e suas relações cíveis e comerciais.



Profissionais multitudo

Conheça melhor o que fazem os profissionais de Engenharia, ao atuar em múltiplas áreas e criar produtos e processos fundamentais ao dia a dia das populações

Três perguntas beeeeem diretas: você já desmontou algum relógio velho? Criou casas, pontes ou carros com pecinhas de montar? Fez reparos no bracinho de sua boneca do coração, para que ela voltasse a dar abraços vastos e carinhosos?



Qual seja sua resposta, saiba que todas estas funções têm algo a ver com a multiplicidade do ofício de certos incríveis profissionais. Afinal, montar, desmontar, criar ou melhorar produtos e processos são ações realizadas, dia a dia, por... engenheiros e engenheiras!

Siiiiim! Tais múltiplos trabalhadores podem atuar em praticamente todos os setores, da construção à mecânica, da informática à elétrica, da aeronáutica à mineração, da metalurgia ao planejamento da infraestrutura das cidades.

“Só no Brasil, há 34 cursos diferentes para habilitar engenheiros. Dentre os mais tradicionais, estão as engenharias de Minas, Alimentos, Computação, Controle e Automação, Elétrica, Naval, Civil, Mecânica e Produção”, explica Manfredo Hoppe, professor de Engenharia civil e Arquitetura do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH) e de cursos de pós-graduação na PUC Minas e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).





Em todo lugar

Que legal! São muitas possibilidades, né?! Lá vem minha curiosidade: o que te levou a escolher a Engenharia como área de vocação e atuação, Manfredo?

“Desde criança, sonho em projetar e construir coisas. Aos 5 anos, desmontava e remontava meus brinquedos, para entender o funcionamento de tudo. Aos 10, gostava de ajudar meu pai nas reformas de casa, e, aos 15, meus amigos me pediam para consertar seus computadores, videogames, bicicletas etc.”, conta o professor.

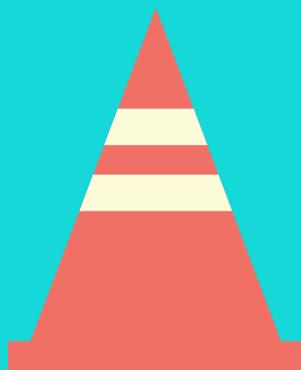
Ele destaca, ainda, que grande parte das invenções usadas por todos surgiu como resultado do trabalho dos engenheiros – que, além disso, ajudam na resolução de problemas ligados, por exemplo, a doenças, fome, energia, meio ambiente ou moradia.

É realmente impossível pensar no mundo moderno sem a Engenharia, que está em tudo!

“Ela aparece na estrutura de nossas casas, na tecnologia que criou a internet, nos aviões, nos carros, nas motos, nos brinquedos, na televisão, no celular, na energia elétrica, nas ruas, nas hidroelétricas e nos equipamentos dos hospitais”, lista o professor.

Ah! Antes de terminar, como não falar de coisas fundamentais à alteração de nossas próprias noções de espaço e tempo?

“Graças à Engenharia, o homem conseguiu ir à Lua, além de viajar em aviões supersônicos e percorrer enormes distâncias em trens-bala”, completa Manfredo Hoppe.



Desbravadores de prosa e verso

O que estudam e como
trabalham os pesquisadores
especializados em Literatura?

“Poesia é voar fora da asa”.

Diante de frase tão recheada de
mistério, nascida da imaginação do po-
eta Manoel de Barros, o que, exatamen-
te, você sente? Já pensou em voar para
além da asa?!?!



Aliás, o que os livros significam para ti? Ao ler ou ouvir uma história cheia de aventuras, por exemplo, você costuma viajar para beeeem longe, só com a mente e o coração?

Pois vou te contar uma coisa: sabia que certos cientistas se dedicam a estudar, justamente, o estilo e os muitos enigmas por trás da obra de nossos autores e autoras prediletos?

O professor Mário Alex Rosa é um deles. Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), ele diz que há muitas e muitas maneiras de estudar as obras literárias.

“O pesquisador pode analisar documentos originais, deixados por um escritor. Grande parte desse material está guardada em bibliotecas e universidades”, conta.

Para ter acesso a esses papéis incríveis, é preciso ter autorização. Só assim o estudioso poderá averiguar correspondências, recortes de jornais, livros e outras tantas anotações deixadas pelo escritor.

“Esse tipo de pesquisa envolve a descoberta de inéditos ou a comparação dos originais com a versão final, publicada em livro. Serve, também, para organizar, por exemplo, a correspondência entre dois escritores”, destaca Mário Alex.



Além disso, os cientistas dedicam-se às análises de livros. Trata-se de obras dos gêneros romance, poesia, conto ou crônica etc. “Pesquisar Literatura, enfim, é tentar desvendar os mistérios e os motivos possíveis na criação de cada autor”, completa.

Descobrir... versos!

Segundo Mário Alex Rosa, muitas pessoas associam o cientista ao homem ou à mulher que descobre coisas – e trabalha em laboratórios, sempre a experimentar fórmulas.

Ou seja: o pesquisador seria aquele que precisa comprovar algo em processo de experimentação.

“Pense, agora, em um cientista da área de estudos literários! Ele não precisa, necessariamente, comprovar verdades, mesmo porque seu objeto de estudo são as criações literárias, inventadas por algum escritor ou poeta”, explica.





Isso não significa, porém, que o especialista em Literatura não use teorias para “cientificar”, digamos assim, o que pesquisa ou analisa.

“Há teorias nas áreas da Literatura e da Linguística. Elas seriam as ferramentas de tal cientista, para avaliar e estudar romances, contos, crônicas, teatro, poesia etc.”, explica o professor.

Dia a dia

Ops! Pintou, agora, outra curiosidade: como deve ser a rotina de um pesquisador de Literatura?! Mário Alex Rosa explica: “O cotidiano dele é, essencialmente, ler, ler, ler, anotar, anotar, anotar”.

E o que, exatamente, lê tal pesquisador dessa área?! “As obras dos escritores, as teorias sobre Literatura, os textos sobre as obras dos escritores. Ser professor nessa área é passar a vida a ler e reler tudo – ou quase tudo – que se refere ao universo literário”, completa.

Pensador, eu?! Vou pensar na questão...

O que é a Filosofia?
E o que fazem homens
e mulheres dedicados a
questionar, diariamente,
a realidade ao nosso redor?



Sabe aquele dia em que, por algum motivo, você fica mais quietinho, em seu canto, e com os olhos atentos ao horizonte? Ao te ver assim, alguém há de lhe tascar a bem-dita pergunta: “Por que não para de filosofar aí, hein?”

As pessoas, às vezes, são curiosas, né? Mas não é que há, realmente, profissionais habilitados a (e apaixonados por) pensar e pensar e pensar..

Sim! Eu me refiro a homens e mulheres dedicados à Filosofia, área do conhecimento que, segundo o professor (e filósofo!) Luiz Henrique Magalhães, do Centro Universitário de Belo Horizonte – o UniBH –, se caracteriza, justamente, como “um modo de pensar a realidade”.

Ele explica que tal campo de investigação das coisas do mundo, do homem e da vida, se define pela maneira de abordar os “objetos” de estudo. “Existe, por exemplo, a Filosofia Política, ou a da Ciência, a da História... Se o cientista faz ciência, o ‘filósofo da ciência’ pensa o ‘estatuto’ dessa ciência, o método científico, a questão da verdade científica etc.”.



O Luiz Henrique nos lembra, aliás, que a própria pergunta “O que é a Filosofia?” já é uma questão filosófica! “Além disso, uma breve pesquisa sobre o tema vai nos levar a respostas diferentes, dependendo da época e da perspectiva de pensamento do filósofo”, completa.

Eu filósofo, tu filosofas, ele...

Ao filosofar, encontraremos respostas variadas e muito diferentes entre si. “Afinal, é um exercício do pensamento que, a partir do conhecimento de elaborações filosóficas anteriormente estabelecidas, reflete sobre uma dada realidade ou mesmo sobre como outros filósofos abordaram uma questão”, comenta o professor.

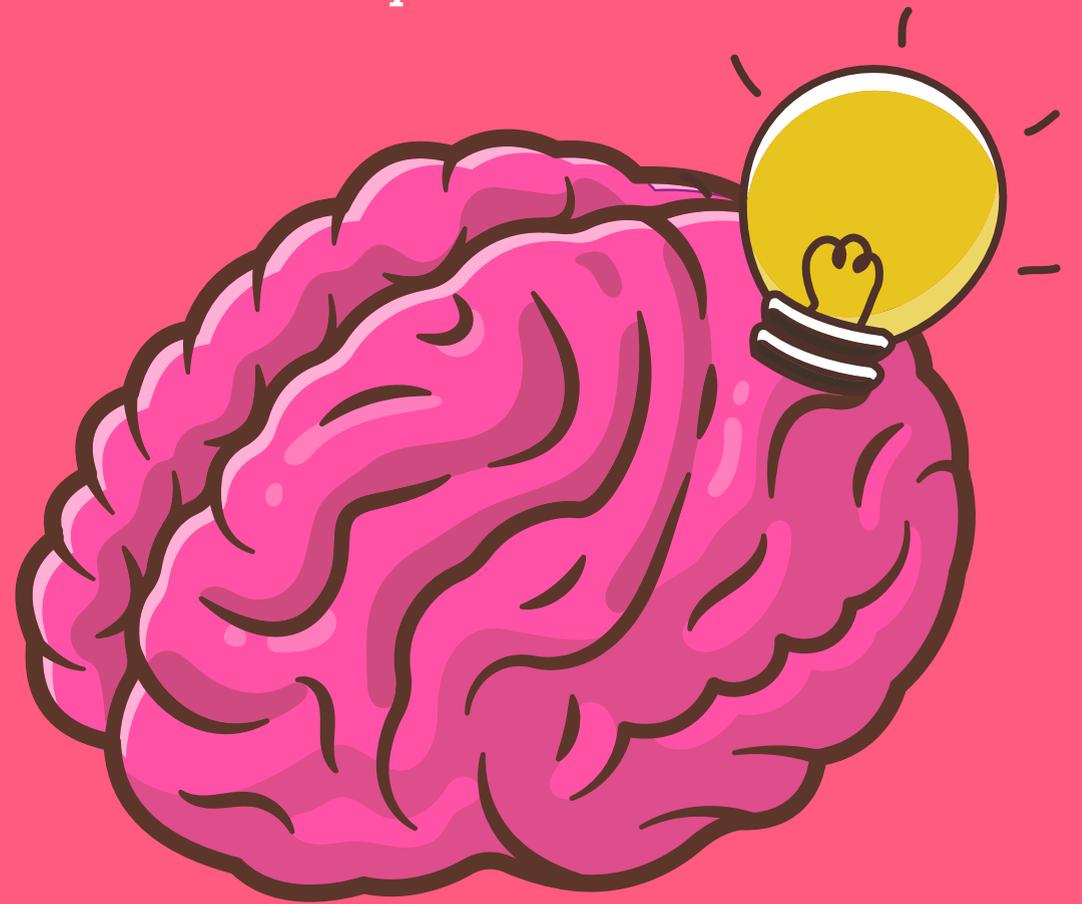


Luiz Henrique destaca, então, algo muito, muito legal: “Isso tudo deixa claro que filosofar não é algo tão natural, ou espontâneo, como alguns afirmam. Pensar é próprio do ser humano, mas o pensar filosófico pressupõe o domínio de certos conceitos. E isso só é possível com o estudo da Filosofia”.

Dia a dia

Ao estudar Filosofia, o profissional da área busca abordar, de forma mais aguda e profunda, uma realidade específica. “Um médico empenhará todos os seus esforços para salvar uma vida, e melhorar as condições de vida de um ser humano. Já o filósofo vai querer perguntar: ‘O que é a vida?’; ‘Quais as variadas maneiras de se definir e compreender o que é a vida humana?’”

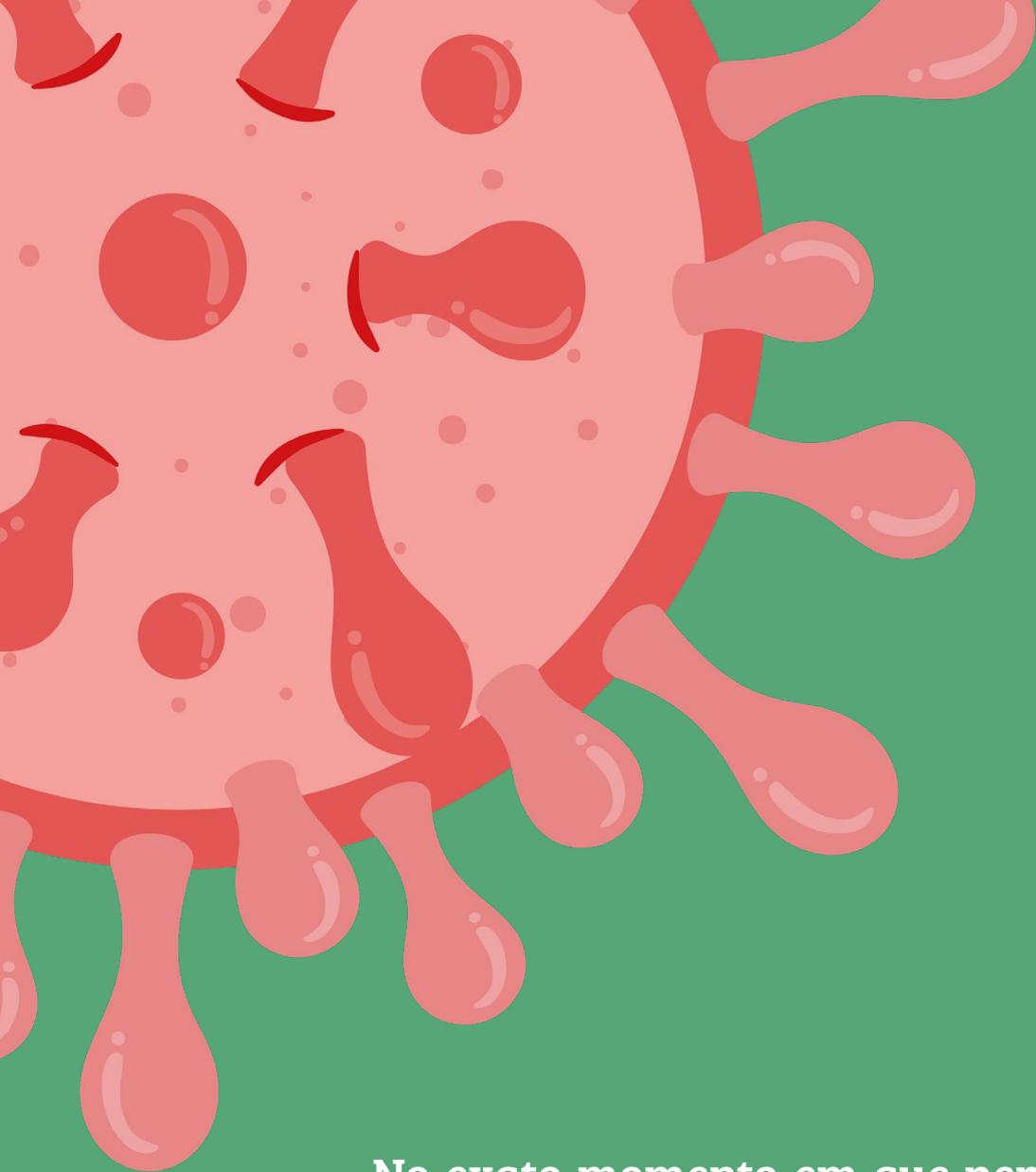
Quanto ao dia a dia de tal profissional das ideias, em um País como o Brasil, na maior parte das vezes, o filósofo vai... lecionar Filosofia. “As oportunidades de pesquisa são muito restritas, e, quase sempre, encontram-se nas universidades públicas. Um filósofo também pode integrar comissões de ética em empresas e hospitais e exercer atividades menos específicas”, esclarece o professor Luiz Henrique.



Contra o inimigo invisível

Como trabalham os médicos infectologistas, profissionais importantíssimos no combate ao coronavírus?





No exato momento em que permanecemos em casa, devido às malvadezas do coronavírus, os trabalhadores da saúde permanecessem nos hospitais, prontos a cuidar das pessoas e a salvar vidas.

Dentre tais profissionais, milhares de médicos infectologistas encontram-se a postos, em todos os cantos do planeta azul, para compreender, investigar e tratar os males provocados pela covid-19.

Ao me lembrar de tais heróis, inúmeras questões me visitaram a cachola! Por que será que tantas e tantas pessoas resolvem se dedicar, com paixão, ao estudo de seres tão minúsculos e complexos – além, é claro, de perigosos –, como vírus e bactérias?

No caso do infectologista Eduardo Siqueira, a primeira decisão – “Quero ser médico!” – nasceu já na escola. “Sempre gostei das disciplinas da área biológica, e ficava intrigado com as coisas e o funcionamento do corpo humano”, conta.

Justamente por isso, a escolha da Medicina, como profissão, foi beeeeem fácil para Edu – como ele é conhecido pelos amigos. Difícil, mesmo, foi optar, já como estudante de graduação, pela Infectologia.

“Afiml, a Medicina é muito, muito ampla! Em certas especialidades, o profissional opera; em outras, não lida com os doentes, mas realiza exames. Existem, ainda, as áreas clínicas”, explica.

Dentre tais possibilidades, Edu acabou por apreciar bastante, durante a faculdade, o atendimento clínico, por haver contato direto com os pacientes, além de fazer diagnósticos e curar enfermidades.

“Achei a Infectologia bem interessante e legal, por tratar de doenças causadas por agentes externos, a exemplo de vírus e bactérias”, destaca.

Atuação

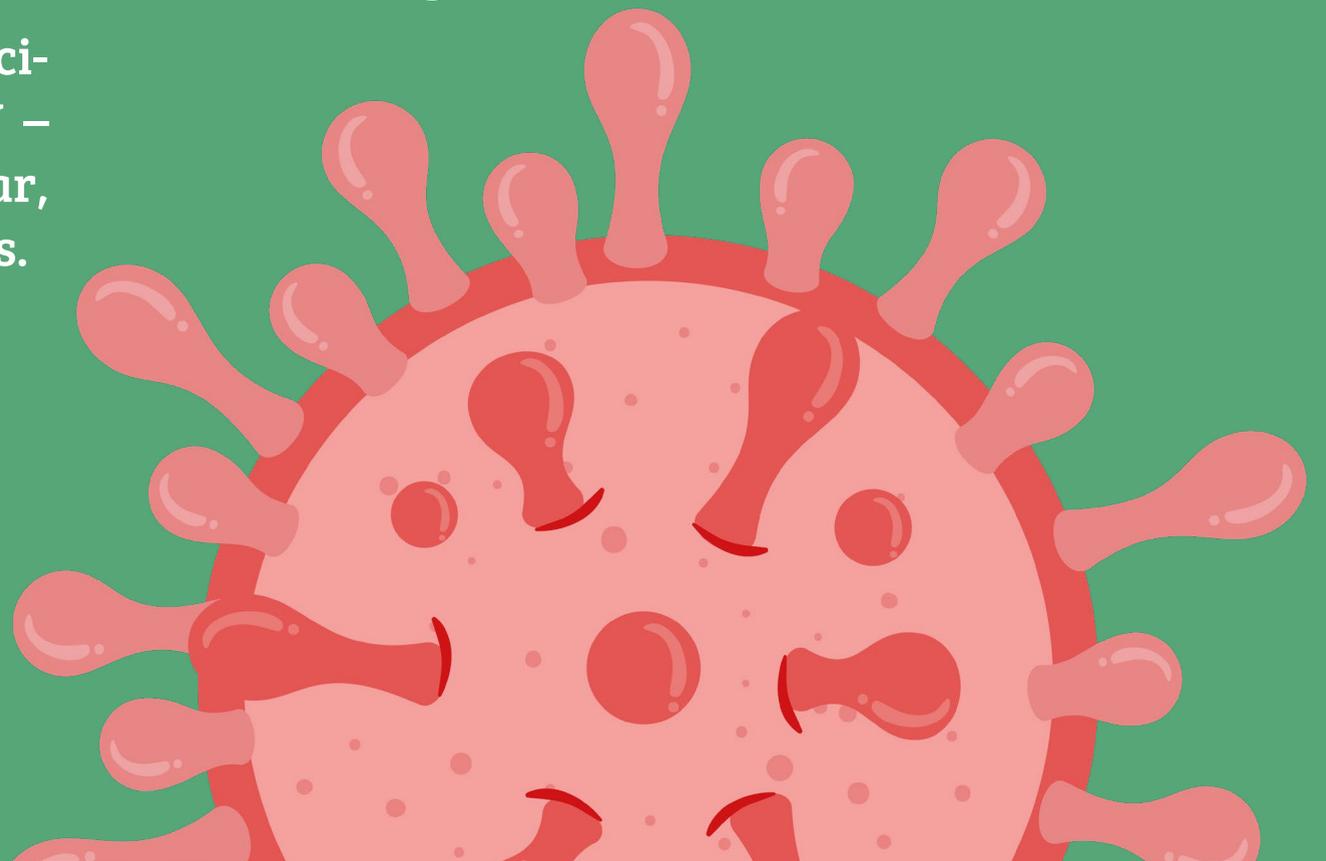
Mas o que será que fazem, no dia a dia, os médicos infectologistas?!

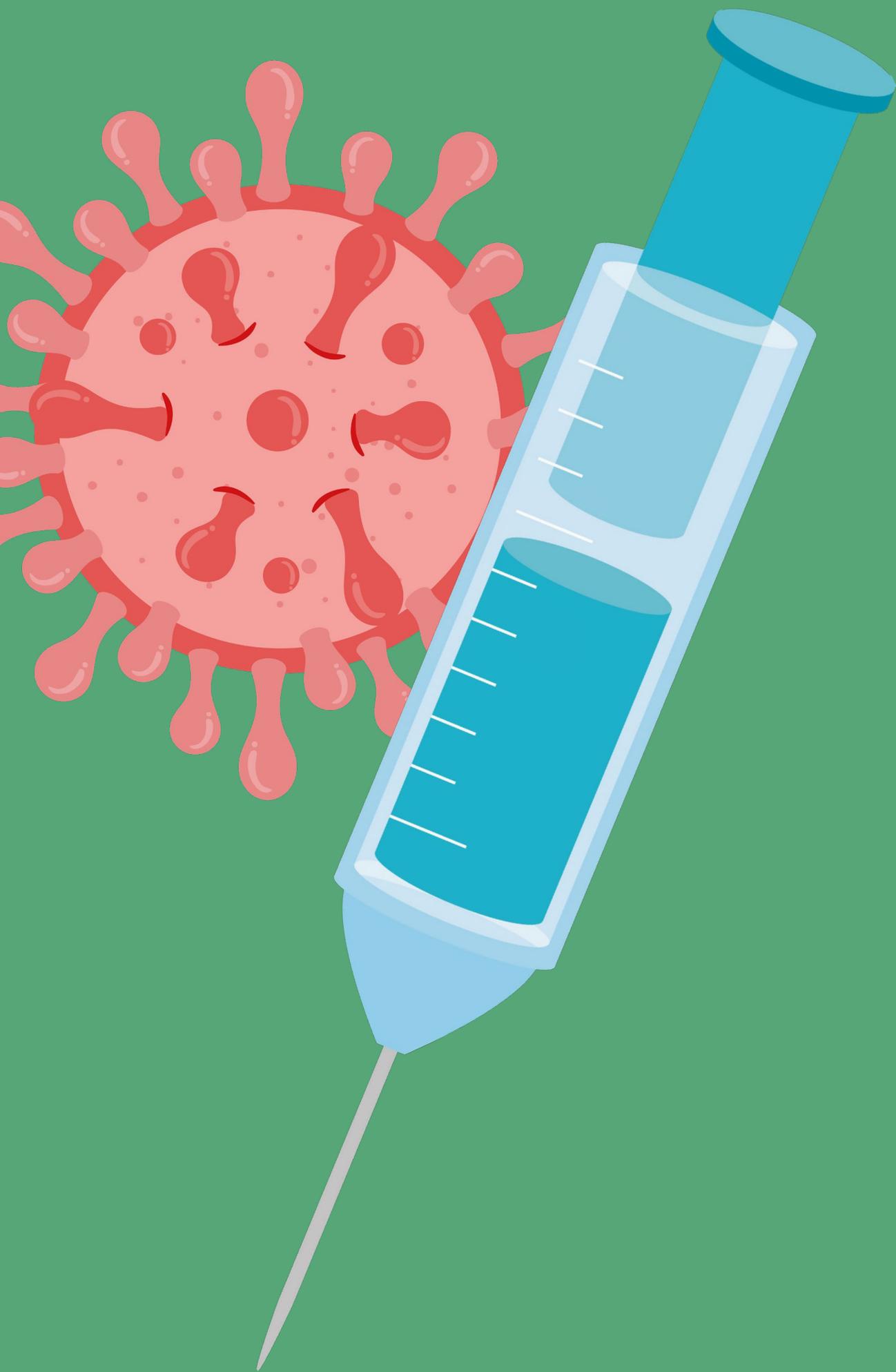
Segundo Edu, hoje, eles atuam, principalmente, em estudos sobre o vírus HIV – que provoca a Aids – e na área hospitalar, na qual têm zilhares e zilhares de desafios.

“Muitos de nós trabalhamos dentro do hospital, para tratar de infecções mais graves, assim como dos pacientes internados em terapia intensiva, nas enfermarias etc. Outra atividade importante diz respeito ao controle de infecções”, diz.

Sim, sim! Todo hospital conta com um serviço de controle de infecção, geralmente, comandado por médicos... infectologistas!

“Além disso, podemos trabalhar, por exemplo, com Medicina tropical, em lugares onde há malária, febre amarela, esquistossomose, leishmaniose. Tudo depende, portanto, da região”.





Antes e depois do corona

Na entrevista com Eduardo Siqueira, uma pergunta parecia não querer se calar: “Seus hábitos de trabalho mudaram muito com a covid-19?!”

“Antes da pandemia, minha rotina já era bem puxada, pois são poucos os infectologistas. Eu já trabalhava bastante, em todos os horários, e de quase todos os dias da semana. Com o coronavírus, tudo piorou muito, pois estamos sempre disponíveis para atender às demandas do hospital e dos colegas”, esclarece.

Além disso, é preciso atender os doentes e participar de um montão de reuniões!

“O dia a dia ficou realmente mais puxado. De toda forma, a gente espera que tudo retorne ao normal. E que, então, possamos diminuir o estresse”, completa.

O que é ser médico, afinal?

Em primeiro lugar, significa ter muita força e dedicação, para ajudar as pessoas a cultivar a vida de modo mais saudável e – claro! – feliz



Ficou doente? Como é ruim, né?! Nada de bola, videogame, dança, piscina ou comida predileta! O bom é saber que, nessas horas, alguém está pronto para nos ajudar, pois estudou muito para isso.

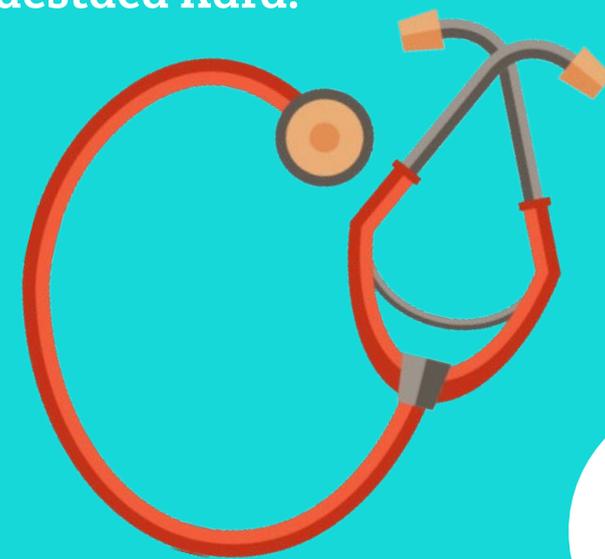
Ano a ano, milhões de mulheres e homens pelo mundo formam-se numa das mais valorizadas (delicadas e complexas) profissões da humanidade: a Medicina. Mas o que representa, exatamente, esse belo ofício, baseado em diagnósticos, tratamentos e muita, muita pesquisa?

“A Medicina é um ofício muito especial. Mistura um dom individual com intensa dedicação, seja na questão do estudo, seja no cuidado ao paciente”, explica Rafael Mantovani, médico pediatra e endocrinologista, que, além de trabalhar em consultório próprio, atua no Hospital Mater Dei e no Hospital das Clínicas da UFMG – onde, aliás, ajuda a formar novos especialistas.

Para o Rafa – como ele é chamado pelos amigos –, sua profissão requer grande intensidade do profissional, que jamais pode se acomodar: “O interesse pelo paciente, a busca de respostas, a espera dos resultados, o intenso trabalho no consultório ou no hospital... Tudo é apaixonante!”

O médico e “o outro”

“Tô” pensando aqui: deve ser difícil lidar com a saúde das outras pessoas, né?! Que resposta! “A responsabilidade é grande, mesmo. No meu caso, cuido do corpo dos outros ‘ao quadrado’, já que, na Pediatria, trato de crianças e adolescentes que são filhos de outras pessoas. Colocar-me no lugar do outro, oferecer o ouvido, o ombro, prevenir e remediar são atribuições da boa prática da Medicina”, destaca Rafa.



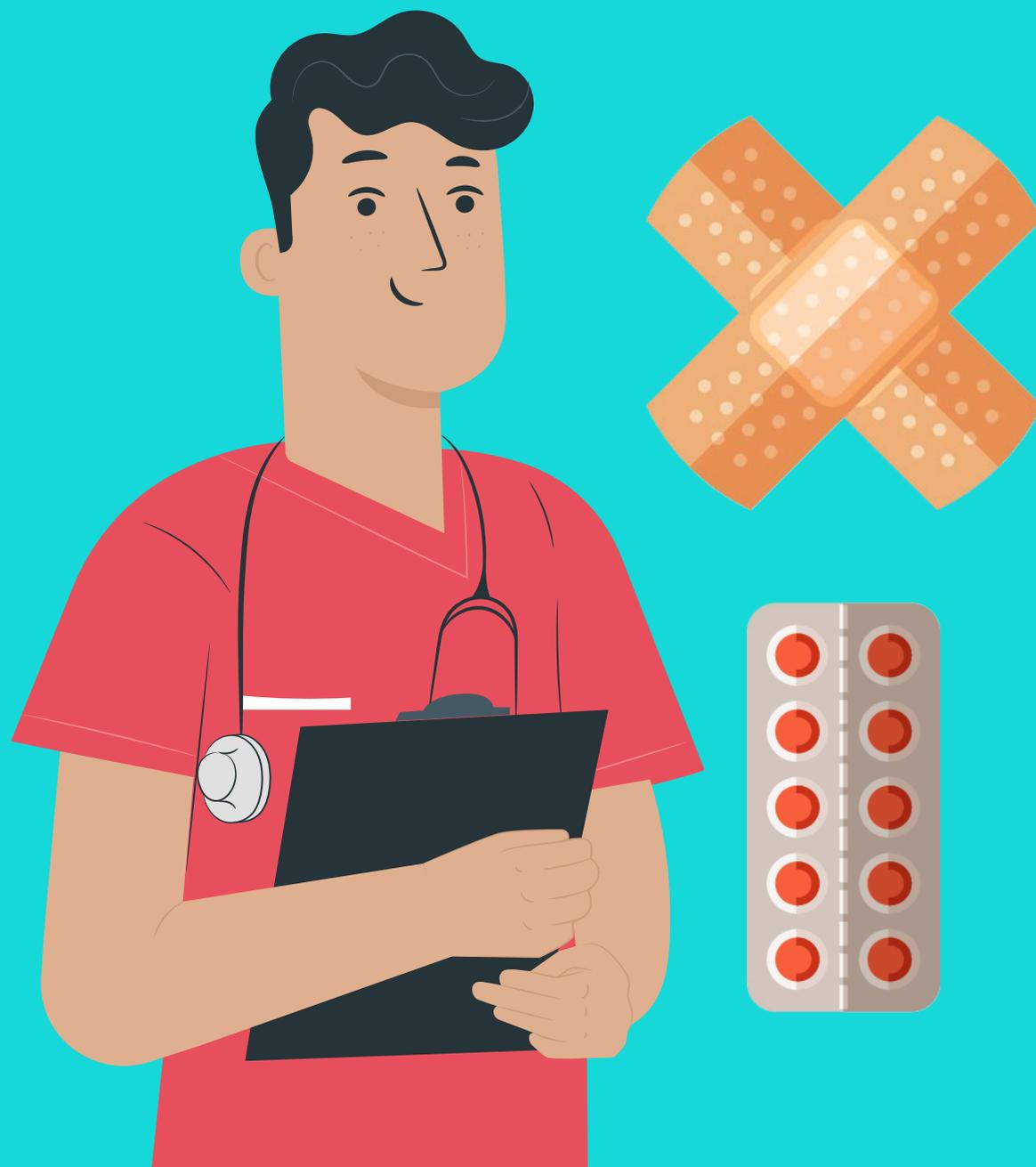
Dia a dia

Com tanta gente doente, a rotina dos médicos deve ser bem pesada, penso eu! “Depende muito da especialidade, mas, geralmente, os dias são puxados para todos! Existem áreas puramente hospitalares: o médico trabalha no hospital, visita pacientes internados ou faz cirurgias e procedimentos complexos”, explica o pediatra.

Há, também, os famosos “plantões”. Neste caso, os profissionais permanecem várias horas no local de trabalho, e, às vezes, dormem no hospital: “Existem outras áreas nas quais o trabalho acontece no consultório, ambiente mais calmo. A maioria dos médicos, contudo, trabalha em mais de um lugar, e, por vezes, tem vários empregos”.

Há, ainda, as situações em que o profissional atua para o governo, com o desenvolvimento de políticas públicas de saúde, o que também é um grande desafio!

“Já trabalhei em hospital público, privado, pronto-socorro, maternidade, consultório, secretaria municipal de saúde, escola de médicos... Toda essa experiência me proporcionou a oportunidade de fazer vários amigos, lidar com muitas áreas de trabalho, conhecer gente legal e ser um médico cada vez mais completo”, acrescenta Rafa.

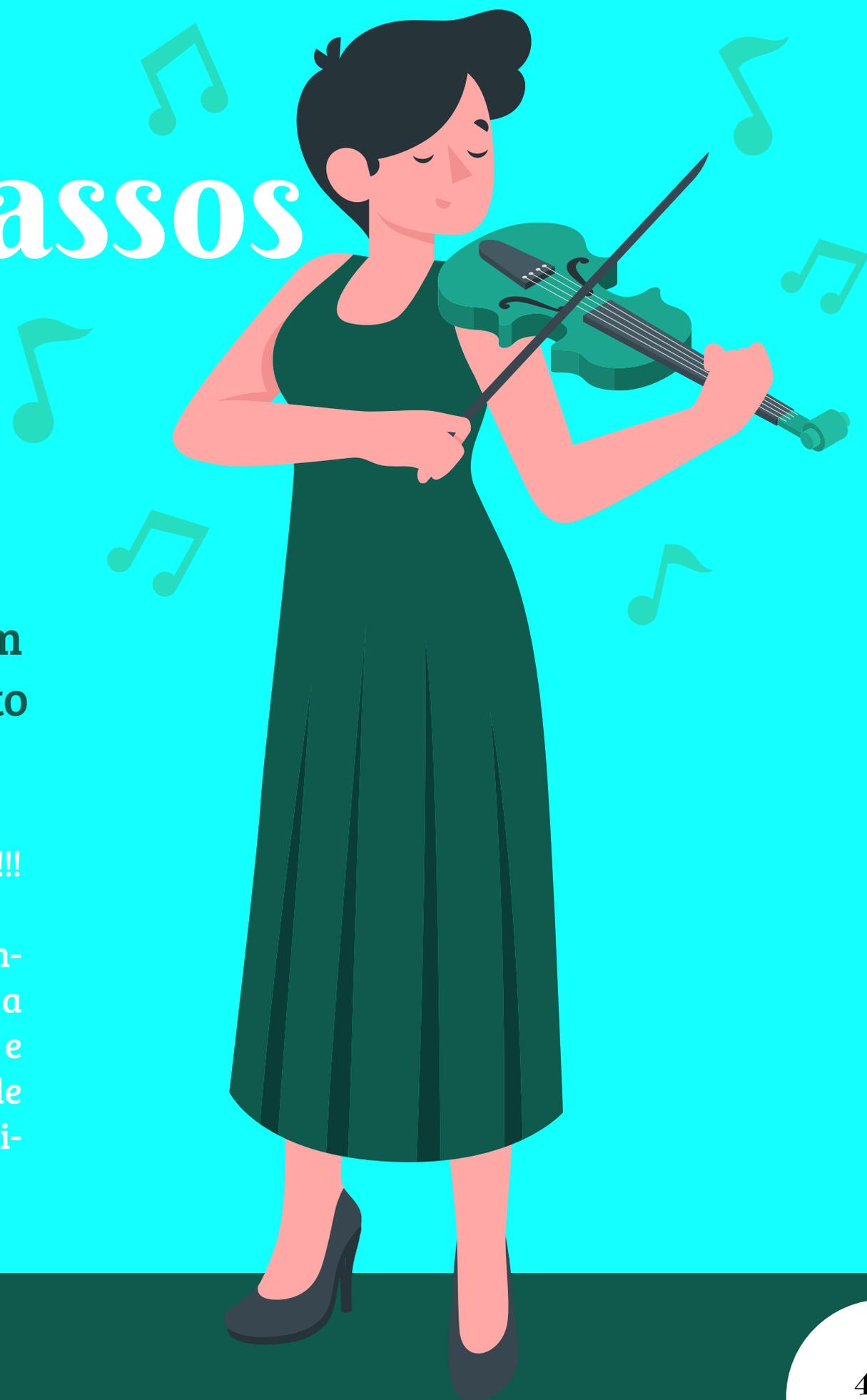


Nos compassos da vida

Talentedíssimos, músicos e musicistas eruditos estudam bastante, para, de modo beeeeem especial, levar beleza, sentimento e reflexão às pessoas

Tam, tam, tam, tam!!! Tam, tam, tam, tam!!!

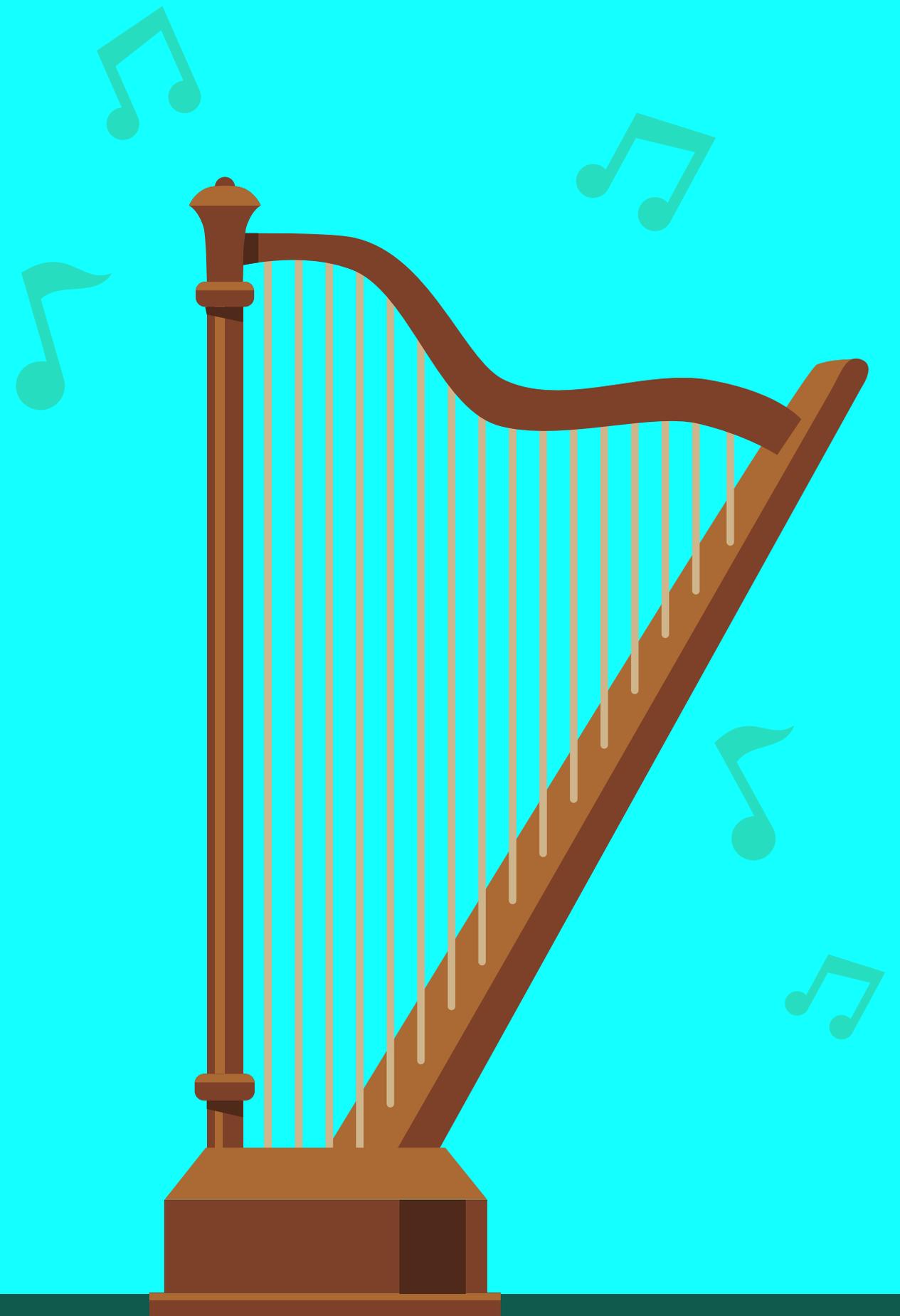
Sob a batuta do maestro, rufam os tambores, aprumam-se os instrumentos e... a orquestra nos inunda de sonoridades – e harmonias e melodias e belezas capazes de transportar os ouvintes a imprevistos universos de sensação e sentimento.



Fazer música, afinal, é garantir novos ritmos e sabores à vida! Ainda mais junto a uma orquestra, ao lado de tanta gente talentosa! Ah! Por falar nisso, como será a vida dos profissionais dedicados à arte musical? Como eles se formam? E o que estudam?

“Para mim, as coisas se deram de forma muito natural. Comecei aos nove anos, numa banda marcial do colégio em que estudava. Ela já me direcionou ao repertório erudito. Daí em diante, ao observar o potencial da área, passei a perseguir instrução cada vez mais especializada”, conta Rafael Alberto, percussionista principal da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais.

Segundo o Rafa – como ele é conhecido por colegas e amigos –, no “território” de sua arte, duas são as principais possibilidades de “caminho”: tornar-se músico de orquestra ou professor – seja particular, seja ligado às escolas e universidades.



“Você também pode ser solista – que atuará, com peças solo para seu instrumento, à frente de orquestras ou em recitais de câmara etc. – ou compositor. Há, ainda, a possibilidade de criar seu próprio grupo e profissionalizá-lo, vivendo de projetos e editais”, explica o artista.

Por fim, existem profissões relacionadas à música, mas que não envolvem performance, como o arquivista de orquestra.

“A realidade é que somos uma mistura de tudo isso”, afirma Rafa.

Mas... e se eu quiser me tornar um “cientista da música”? O que posso descobrir? Segundo o percussionista principal da Filarmonia de Minas Gerais, as opções são diversas: musicologia (história, teoria e análise), etnomusicologia, musicoterapia, composição musical, performance (erudita ou popular) e psicologia da performance.

“Há, ainda, a área da tecnologia, que engloba a música eletrônica”, completa.

Nós e os sons!

E vocês, caros leitores e leitoras? Como a música aparece em seu dia a dia? Estão sempre nos serviços de *streaming*? Gostam de ir a shows? Ou são daquelas pessoas que costumam chorar de emoção já nos primeiros acordes da melodia predileta?

“As relações com a música são muito pessoais e difíceis de mensurar. Tente, porém, eliminar sua existência. Ficará evidente e palpável a falta que ela faria, já que permeia nossa vida, como a grande trilha sonora de nossas fases. Além disso, é agente de grandes transformações e tem imenso poder sobre nós e nossa psiquê”, destaca Rafa.

Quem sou eu?

Conheça o trabalho dos psicólogos,
profissionais que ajudam as pessoas
a desvendar sua própria identidade



De repente, bate aquele medo de algo. O peito se comprime e a gente acaba por se sentir... sei lá, meio sem saída! Ufa! Nesses momentos de angústia, é tão bom conversar com alguém, para aliviar os pensamentos e ter a certeza de que não estamos sozinhos, né?!

Você sabia que há profissionais especializados em conversar conosco não apenas sobre nossos problemas, mas, também, acerca de nossos jeitos, gostos e alegrias? Sim! Falo dos psicólogos, homens e mulheres capazes de nos ajudar a compreender o modo como “nos constituímos em quem somos”.

Essa incrível frase é da professora Maria Ignez Costa Moreira, da Escola de Psicologia da PUC Minas, que também nos conta o seguinte: “Os seres humanos são complexos, e não podem ser compreendidos sob perspectiva única. Ou seja, é preciso considerar, de maneira articulada, as emoções, o pensamento, os modos de interação social, o desenvolvimento orgânico e o contexto cultural, social e histórico de vida das pessoas”.

Multiplicidade

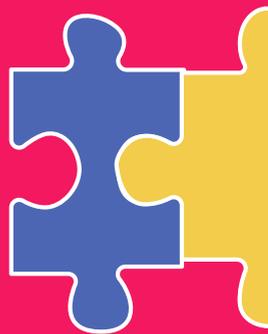
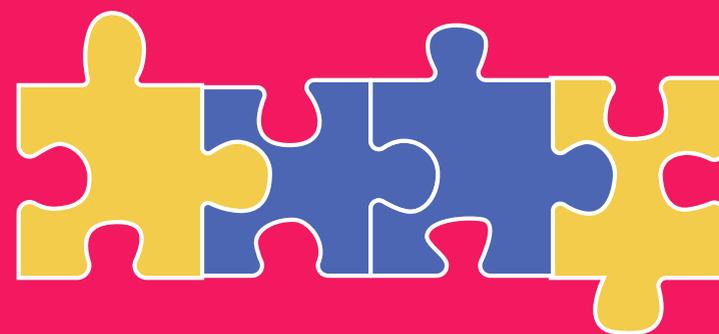
Sabe o que mais eu quis saber da professora Maria Ignez? Quais seriam, afinal, as principais correntes de pensamento estudadas pelos psicólogos? A professora me confessou que tal perguntinha é danada de difícil de responder!

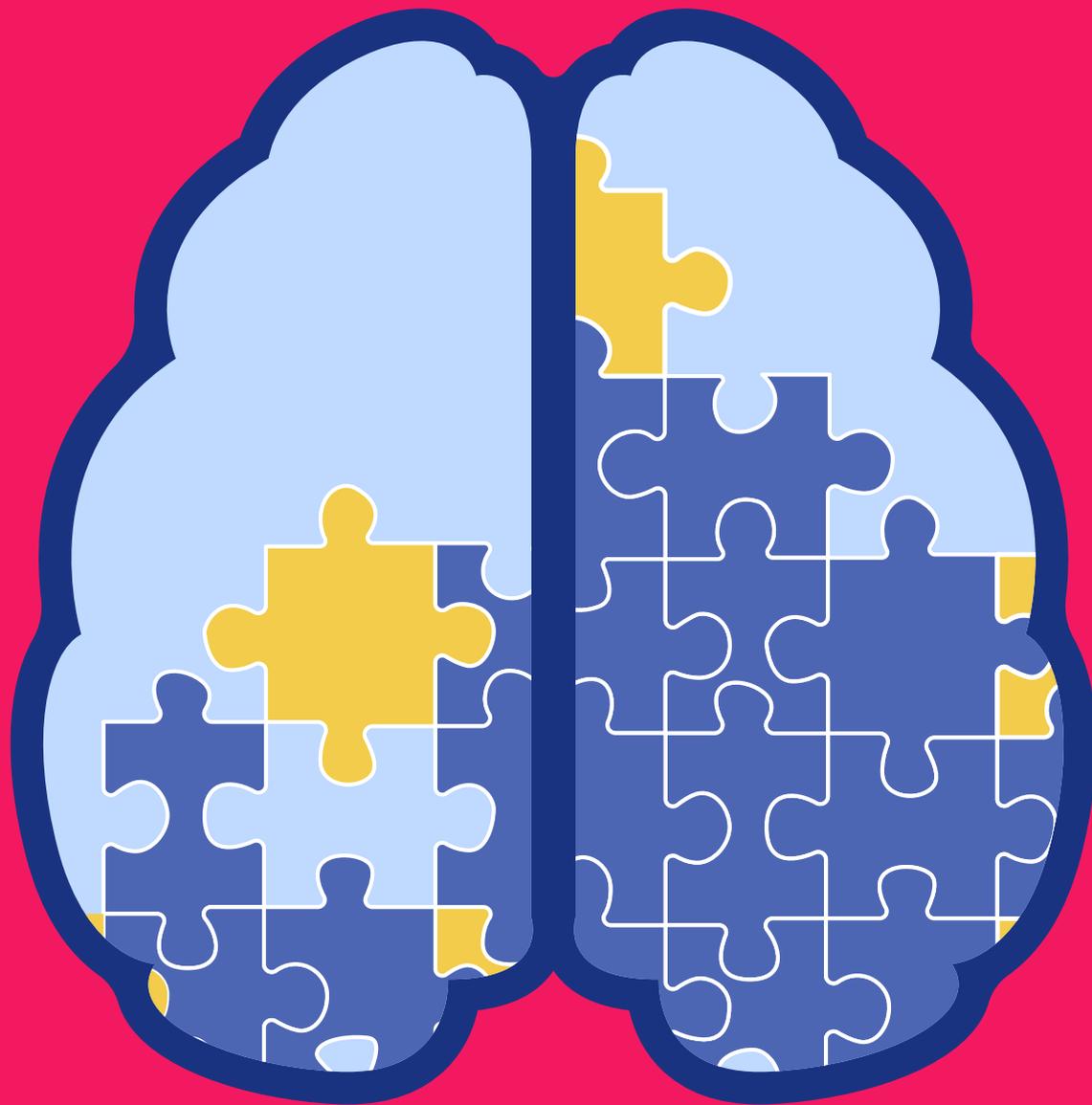
“Afinal, a Psicologia ‘carrega’, em suas mais diversas correntes, um aspecto interdisciplinar [*quando há união de distintas ‘disciplinas’ do conhecimento*], pois nasceram de diálogos profundos com a Filosofia e as Ciências Sociais, por exemplo”, comentou.

De todo modo, ela cita certas “vertentes de estudo”, como a “Psicologia Socio-histórica”, desenvolvida por um estudioso chamado Vygotsky, para quem “o ser humano é constituído nas (e constituinte das) relações sociais, culturais e históricas”. Em outras palavras: somos “sujeitos ativos”.

Já a Psicologia Comportamental, de Skinner, enxerga as ações das pessoas como “resultado dos estímulos que recebem do ambiente em que vivem”. De outro modo, a corrente “Existencial-humanista” considera o indivíduo como um ser de liberdade e responsabilidade frente à existência. “O ser humano busca sentido para a vida e para sua condição de finitude”, comenta Maria Ignez.

Por fim, precisamos falar da Psicanálise, área desenvolvida por Freud, Lacan e outros pensadores – e considerada uma perspectiva distinta dos estudos da área. “Apesar disso, ela já foi bastante incorporada pela Psicologia, que passa a considerar a dimensão do inconsciente”, completa.





Mil e uma atuações

Regulamentada como profissão – pela lei 4.119, de 27 de agosto de 1962 –, a Psicologia atua de diversas maneiras! Confira cada uma delas, segundo informações da professora Maria Ignez Costa Moreira:

- Psicologia Clínica: campo clássico, afirmou-se nos consultórios, mas buscou se “democratizar”, para que os profissionais integrassem os serviços públicos de saúde. Hoje, no Brasil, o SUS (Sistema Único de Saúde) inclui psicólogos em sua rede. Tal vertente ajuda as pessoas a se conhecer melhor, para enfrentar os muitos desafios da vida cotidiana.
- Psicologia do Trabalho: inicialmente, se ocupava da seleção e do treinamento de pessoal nas empresas, prática que permanece ativa. Com os anos, porém, foi acrescida de outra vertente, que se ocupa da saúde do trabalhador.

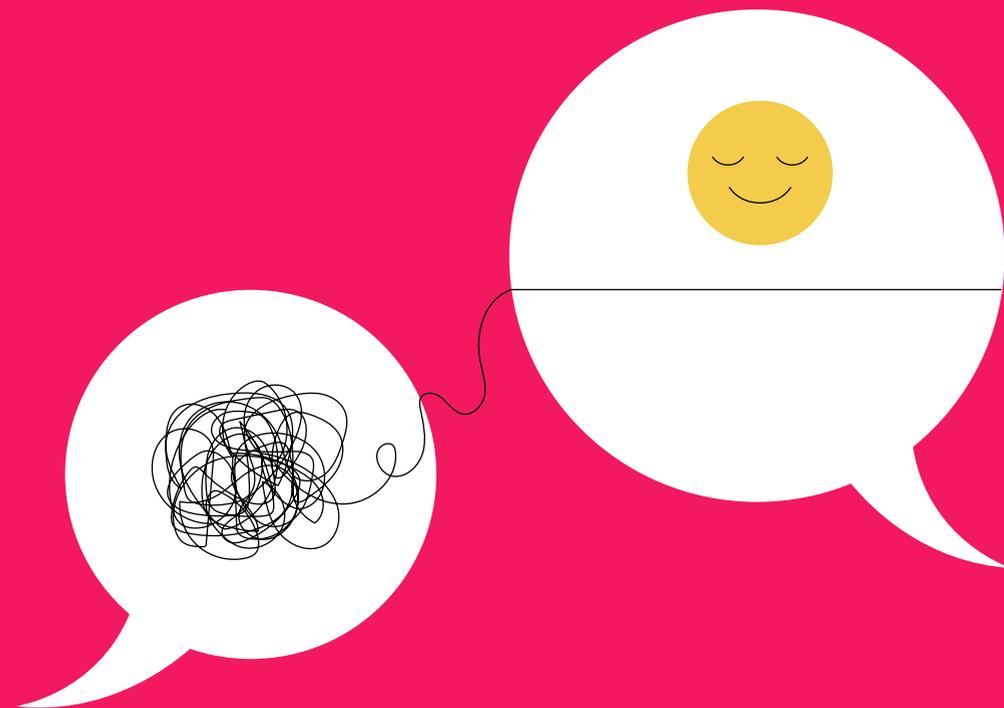
- **Psicologia Educacional/Escolar:** diz respeito às relações em espaços escolares e de aprendizagem. Contribui para a socialização de crianças e adolescentes, e para a formação de professores e professoras. Age, ainda, contra as formas de violência no contexto escolar.

- **Psicologia Jurídica:** os psicólogos e psicólogas também têm sido incluídos nos ambientes jurídicos, a exemplo da “Vara de Família”, para atendimento ou auxílio em processos de adoção, guarda compartilhada etc.

- **Psicologia Hospitalar:** os hospitais são outro campo de trabalho de psicólogos e psicólogas, que integram equipes diversas, que precisam lidar com o enfrentamento de doenças, o que gera muitos problemas emocionais, tanto dos doentes quanto de seus familiares.

- **Psicologia Social:** outro campo clássico, refere-se aos contextos coletivos, pois buscam apoiar o fortalecimento dos vínculos sociais, comunitários e familiares de pessoas em condição de precariedade material e simbólica.

- **Psicologia do Esporte:** diversos clubes de futebol, vôlei etc. contratam psicólogos para preparo emocional de seus atletas, das diárias atividades coletivas às competições regulares.



Diálogos imprevistos

Conheça melhor o ofício dos publicitários, profissionais capazes de ampliar nossas conversas – e relações – diárias com empresas, ideias e produtos

Você já reparou que, todos os dias, além de conversar com parentes, vizinhos, colegas e amigos, a gente bate longos papos – às vezes, silenciosos, divertidos e surpreendentes – com empresas, marcas, artistas, objetos ou ideias?

“Ahn?! Como assim?!”





Calma, calma! Já vou explicar melhor... Começo por uma pergunta “vapt-vupt”: ao ligar seu videogame, ao abrir uma revista ou ao clicar naquela página hiper legal da internet, imagens e mensagens sobre produtos e pessoas costumam saltar a seus olhos?

Tais peças e discursos são imaginados, elaborados e oferecidos – a públicos diversos – por especialistas em Publicidade & Propaganda, área do conhecimento também carinhosamente conhecida, por muitos, como “PP”.

Legal, né?! Mas de onde vem a inspiração para escolher tal ofício?

Desde criança, além de brincar, Juarez Guimarães Dias – que é professor e pesquisador do Departamento de Comunicação Social da UFMG – gostava de desenhar, pintar, ler e escrever. Adorava, ainda, ouvir música e assistir a filmes, programas de TV e desenhos animados.

“Quando precisei escolher uma faculdade, o curso de Publicidade e Propaganda era a possibilidade de reunir vários gostos e talentos, por se tratar de área em que a criatividade e o pensamento criativo atravessam todos os fazeres”, lembra.

Apesar de bastante conhecida pelos comerciais e propagandas de produtos e serviços que se encontram nos meios de comunicação, a área se revela bastante ampla, complexa e diversificada. Afinal, por trás dos anúncios, há muitas e muitas etapas de trabalho.

“É preciso ter conhecimento sobre quem é o cliente ou a marca a anunciar. Além disso, deve-se elaborar o planejamento de ações e

estratégias, negociar espaços nas mídias, para exibir os anúncios, fazer pesquisas com os públicos e analisar resultados. Muitos profissionais de Publicidade trabalham com produção cultural, de entretenimento e de jogos”, explica Juarez.

Da tela ao voto

No cotidiano, a parte mais “visível” de PP diz respeito, mesmo, aos anúncios comerciais e às propagandas em diversos meios de comunicação, como TVs, rádios, jornais, *outdoors*, redes sociais, plataformas digitais, aplicativos, fachadas de lojas, placas de edifícios e outros tantos suportes.

“A Publicidade cumpre a função de mostrar, aos consumidores, os produtos e serviços de que necessitamos. É importante, porém, sabermos diferenciar aquilo que não precisamos, por mais interessante que pareça. No Brasil, há leis que controlam a produção e a exibição de propaganda para crianças, por exemplo, pois se entende que o consumo é uma atividade do mundo adulto,

e deve ser feita pelos pais e responsáveis”, explica o professor.

Afinal, na visão de Juarez Guimarães Dias, a infância é, em verdade, tempo para brincadeiras, experimentações, aprendizados e crescimentos.

“O Brasil é um país com muita desigualdade social, e muitas pessoas – muitas, mesmo! – mal conseguem consumir o básico para sobreviver. Isso, contudo, é história para outra pauta”, destaca.

Sob outro aspecto, a propaganda é responsável por dar visibilidade a múltiplos temas, a exemplo das campanhas de prevenção de doenças.

“Agora, isso está bem visível, devido à pandemia do novo Coronavírus, né?. Tais campanhas também podem abordar a preservação do meio ambiente, o bem estar-social, o respeito à diversidade, o combate ao machismo e ao racismo, além de outras tantas questões de interesse coletivo”, esclarece-



ce o pesquisador.

Ah! Ele lembra que também não se pode esquecer das campanhas dos governos, tanto municipais quanto estaduais e federais, para comunicar, a cidadãs e cidadãos, o que tem sido feito para melhoria da vida.

“Há, ainda, as campanhas políticas, elaboradas nos períodos de eleição, quando precisamos conhecer e escolher nossos representantes”, explica.

Pesquisa

Por fim, vem a questão que não quer calar: o que professores e pesquisadores de PP estudam no dia a dia? Segundo Juárez, o campo de pesquisa, nas universidades brasileiras, está em crescimento, já que se trata de área bastante recente.

“As primeiras escolas oficiais datam dos anos 1960 e 1970. Parece muito tempo, mas não é. As análises mais frequentes dizem respeito a propagandas e anúncios de marcas, questões relativas ao consumo e às necessidades – ou não – de produtos, representações de pessoas e ações que atravessam conteúdos de entretenimento. Ou a própria publicidade voltada às crianças, algo também muito discutido e pesquisado”, completa.

Profissional sem fronteiras

Descubra o vasto campo de atuação dos profissionais de Relações Internacionais

Pense, rapidinho, no verbo “cooperar”! Agora, me diga: diante dele, quais outras ideias e palavras lhe vêm à mente? Na minha cabeça, surge um montão de termos, todos muito legais, como ajudar, auxiliar, colaborar, apoiar, contribuir ou socorrer.

Para além dos dicionários, sabia que o ato de cooperar é muito importante às pessoas que escolhem, como profissão, a área de Relações Internacionais, mais conhecida como “RI”?





Siiiiim, é verdade!

O Pedro Neves, professor da área no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH), nos explica melhor essa história: “Em RI, as pessoas desenvolvem competências relacionadas à cooperação”.

Ele conta que o profissional formado em Relações Internacionais pode cooperar com agendas e situações ligadas, por exemplo, ao comércio, à segurança ou à resolução de conflitos. “Pensar na pauta da cooperação é um bom caminho para compreender esta área transdisciplinar”, explica Pedro.

OK, mas o que significa, exatamente, uma “área transdisciplinar”? Vamos lá: neste caso, a “transdisciplinaridade” indica que escolher RI é estudar de forma bastante plural, já que diversas disciplinas (História, Economia, Política etc.) dialogam entre si.

Dia a dia

Com tantas coisas para fazer, como deve ser o cotidiano de um internacionalista? Segundo Pedro Neves, tudo depende de onde a pessoa está. “Digo isso porque cada espaço tem um grau e uma característica distinta de internacionalização”, comenta.



Quer um exemplo? Belo Horizonte tem aspectos socioeconômicos bem diferentes de Sampa, Rio ou Brasília. “Logo, esse filtro ‘geomaterial’ é importante para chegarmos a uma resposta sobre ‘o que faz um internacionalista’. Afinal, compreendemos BH como um espaço que cria oportunidades ao bacharel em RI”, completa o professor.

O profissional da área pode, mesmo, ser um tantão de coisas, de operador de comércio a analista de seguros, de **trader** a representante comercial ou especialista em logística internacional.

“É a área mais diversa! E caminha, com ela, a agenda política, a observar a necessidade constante dos órgãos públicos internacionais, a considerar secretarias de governo em atuar em espaços diversos de cooperação, de forma mais independente”, afirma Pedro.

Profissionais que ganham dinheiro com operações de curto prazo.

Pesquisas

Que tal, por fim, conferir a enorme quantidade de assuntos a serem estudados em RI, no Brasil e outros países? Está com bastante fôlego?!

Então, veja só: “Teorias das relações internacionais”; “Segurança”, “Estudos estratégicos e defesa”; “Política externa”; “História das Relações Internacionais”; “Economia política internacional”; “Ciência política”; “Direito internacional e Direitos Humanos”; e “Instituições, regimes e organizações internacionais”!

Ah! E tem mais: dentro de cada um destes campos, há uma série de ramificações de estudo... Em Economia Política Internacional, os cientistas podem analisar o papel dos países médios – ou emergentes – no conjunto do sistema financeiro do planeta.

Da arte de cuidar dos animais

Leonardo Boscoli Lara,
professor da UFMG,
conta quais são os
desafios diários de...
um médico veterinário



Quando seu bicho de estimação fica doente, o que você costuma fazer? Depois de chamar o adulto mais próximo, vem sempre aquela dúvida crucial, né?! Quem poderá nos ajudar em momento tão triste e delicado?! Afinal, quero meu amiguinho beeeeeeeem saudável e alegre!

O herói de horas tão tensas atende pelo nome de médico veterinário. Sim! É ele quem sabe cuidar e tratar, com carinho e técnica, de nosso amigo peludo (ou, claro, cheio de penas, escamas etc.).

Para entender melhor o dia a dia daqueles que se formam para cuidar de um montão de tipos de bichos – pequeninos e grandões –, conversamos com Leonardo Boscoli Lara, professor de produção e nutrição de animais de estimação e silvestres no departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG.

A entrevista está muito legal! Veja só...

O que é, exatamente, a Medicina Veterinária?

O ofício da Medicina Veterinária é tudo! Ela começou com médicos que, durante as guerras, gostavam muito dos cavalos, animais que acabavam aposentados, por não conseguir mais trabalhar na cavalaria. Alguns médicos começaram a cuidar dos cavalos velhos. (Daí, aliás, vem o termo “veter”, que significa “velho”.)

Isso acabou se transferindo a outros animais. Há quatro grandes ramos na área: a Veterinária que cuida do animal; a preventiva, que previne doenças; a de produção, que produz os animais, por exemplo, para consumo de ovos e de carne. Neste caso, a gente deixa a vida deles bem boa, até o momento em que são abatidos, para servir de alimento. Sempre devemos ter enorme agradecimento em relação eles. Além, é claro, de cuidar muito bem dos animais, até que sejam abatidos.

Por fim, há a Medicina Veterinária ligada ao controle da alimentação. Falo do profissional que cuida dos alimentos animais a serem consumidos pelo homem. As carnes que comemos só são muito seguras por causa de veterinários, que estão no frigorífico e em processos anteriores. Quase todos os veterinários seguem o que fala nosso padroeiro, São Francisco de Assis: “É dando que se recebe” ou “Onde estejam as trevas, que eu leve a luz”. Podemos, afinal, levar conhecimento às pessoas, assim como temos a capacidade de ajudá-las a respeitar os animais.

Acho muito interessante que nos aproximemos dos animais, para mostrar, a eles, como somos próximos e semelhantes. Temos particularidades, mas somos semelhantes, sim! Que as crianças aprendam bastante com os bichos – principalmente, que saibam cuidar deles e do ecossistema. E que o mundo se transforme num lugar melhor. As coisas estão melhorando, mas podem melhorar ainda mais!

Dói aqui!

Quando a pessoa vai a uma consulta, o médico lhe pergunta o que sente. A gente, contudo, também pode mentir, não é verdade? Com os animais, a situação é outra: “Eles não falam nossa língua, mas se comunicam. Tudo é tranquilo, pois não há a dificuldade na linguagem”, explica Leonardo Lara.



E, como o corpo dos bichinhos é muito parecido com o nosso, o veterinário começa a perceber possíveis problemas de saúde: “Veja, a mucosa dele está pálida. Por isso, deve estar doendo!”.

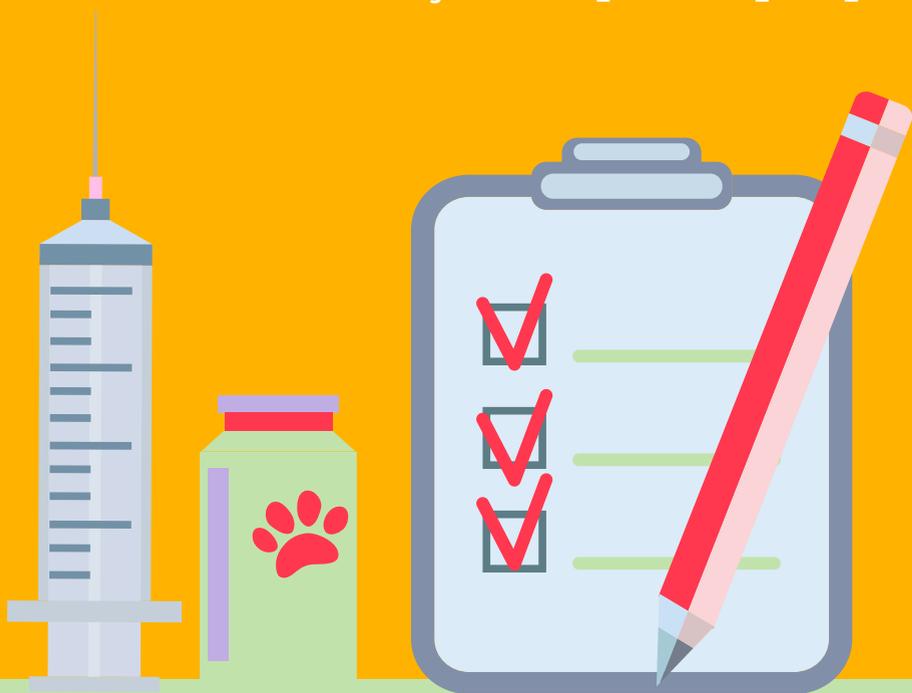
Quer outro exemplo? Quando estamos com dor de barriga, costumamos ficar encolhidos. E os animais? Fazem a meessssma coisa! “Pelo comportamento, conseguimos saber o que eles sentem. Quando está feliz, o cachorro abana o rabo. O ser humano, não! Afinal, ele nem tem rabo... Dá para saber o que o animal quer. É só prestar um pouquinho de atenção”, explica o pesquisador.

Muitos ou só um?

Há três campos de cuidado com os bichos. Na primeira delas, segundo Leonardo Lara, os veterinários cuidam de UM animal. Em outra esfera, cuida-se de uma população: um rebanho de mil bovinos; um galpão com cem mil frangos; uma matilha com 60 cães. “Nesses casos, cada animal tem importância menor, em relação à população, e usamos um deles como representante de todos”, explica Leonardo Lara.

Por fim, há a esfera – ainda maior – do ecossistema, quando é preciso tratar de várias populações, com diversos animais ao mesmo tempo. “Em um tanque com tilápias e camarões, por exemplo, existem duas espécies no mesmo lugar”, conta.

Imagine, então, se uma população vira praga?!

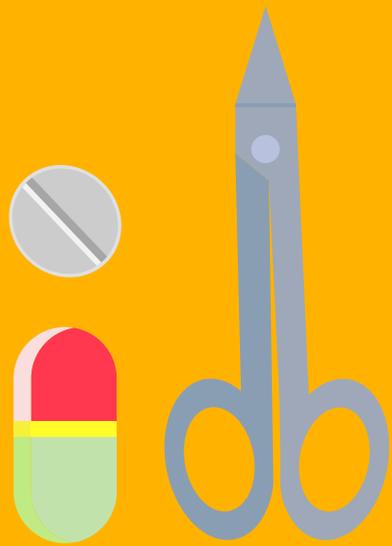


“Precisaremos diminuir esta população. O valor desse animal será negativo, pois teremos que retirá-lo daquele lugar. A eutanásia, quando matamos o animal, é nossa última opção – mas é permitida por lei, sempre em prol de nosso objetivo, tanto a favor do animal quanto da população ou do ecossistema. Sempre conseguimos cuidar dos bichos numa boa, e com imensa satisfação!”

Pequenos e grandes animais?

A rotina de quem se dedica a pequenos animais é mais urbana, e, geralmente, ocorre nas clínicas. “Os donos chegam com os bichos, ou você pode cuidar deles nas casas das pessoas. Também há aqueles que cuidarão de canis, ou de criatórios de passarinhos, onde há de olhar o plantel, colher sangue, conferir a alimentação etc.”, explica Leonardo Lara.





Já os grandes animais ficam em fazendas ou em zoológicos. E há veterinários que, muitas vezes, moram nesses lugares. “Os profissionais de Medicina Veterinária preventiva ficarão por conta de vacinar, vermifugar ou fazer inseminação artificial. Além disso, analisarão calendários, para fazer uma agenda, semana a semana. E saberão como cuidar da população como um todo”, destaca.

Ah! Quem estuda nutrição de bois ou cavalos também precisa bolar tudo: como estão os capins e as forragens, nos tempos de chuva e nas secas? “É preciso programar e escalonar a produção, de modo a produzir comida suficiente para os períodos secos. Ao mesmo tempo, a comida não pode sobrar! É preciso conhecimento para conseguir fazer isso”, afirma.

No caso da clínica dos grandes animais, também há muito por fazer, a exemplo das cirurgias: “Nos zoológicos, normalmente, um pequeno animal vai ao centro cirúrgico, mas, se for um bicho grande, não há como transportá-lo. Por isso, levam-se todos os equipamentos à jaula”.

Dia a dia

“Normalmente, os médicos veterinários trabalham muito e ganham pouco. (Risos!)”, brinca Leo Lara, ao lembrar que todo dono de animal acha “que ficamos por conta do bicho dele...”

Ou seja: enquanto as outras pessoas trabalham das 8h às 18h, o veterinário, a partir das 19h, acabam por receber o telefonema de algum proprietário de cachorro, preocupado com as condições do amiguinho.

“Todos estão preocupados com os bichos, assim como o veterinário. Por isso, acabamos atendendo. Com o médico de pessoas, ao contrário, é preciso marcar consulta. No caso da Veterinária, não. Por vezes, ficamos preocupados e, a qualquer hora, atendemos ao chamado”, diz o pesquisador.

Ele comenta, aliás, que são “muito bacanas” os casos com os quais trabalha! “Lido mais com animais silvestres, como aves e jabutis. Às vezes, o animal chega muito mal de saúde, magriiiiinho, mas, com o passar dos meses, melhora muito. Ah! Outra de minhas especialidades é a Nutrição”, destaca.

Nas outras esferas da Veterinária, a dedicação é a mesma. “No caso de um veterinário responsável por um frigorífico, ele já acorda interessado em ir ao trabalho, para ver que toda a carne sairá em segurança, para consumo das pessoas. O principal, para qualquer um de nós, é saber valorizar os animais, o ecossistema, o tempo de trabalho, e, claro, as horas de lazer!”, ressalta Leonardo Lara.



Pequeno livro
das
**GRANDES
VOCAÇÕES**

Pequeno livro das grandes vocações – O que fazem, pensam e pesquisam os profissionais de quinze áreas do conhecimento

VOLUME 1 | 2021



MINAS
FAZ CIÊNCIA